TERRA À VISTA!

Capitaneados pelo português Jorge Jesus, os treinadores estrangeiros mudam o jogo no Brasil

EDUARDO MONTEIRO

O craque hoje, aos 70 anos; com a banda de Bob Marley, em 1980, no Rio de Janeiro; e algumas de suas capas em PLACAR: o hábito de sempre enxergar o que os outros não veem

O PAPO RETO DE PAULO CEZAR CAJU

Quando ele nasceu, um anjo torto desses que vivem na sombra, como no poema de Carlos Drummond de Andrade, disse: “Vai, Paulo Cezar, ser gauche na vida”. PC Caju seguiu à risca o conselho celestial. Um dos grandes nomes do futebol brasileiro, ambidestro habilidoso, o 12º jogador da seleção tricampeã do mundo em 1970 brilhava nos campos e incomodava fora deles — foi um dos primeiros atletas do Brasil a ostentar com orgulho a cabeleira black power que nos Estados Unidos era sinônimo de rebeldia. Vestia-se como se estivesse numa passarela de moda (e de fato desfilou para a grife do estilista francês Daniel Hechter). Faz questão de usar um português corretíssimo, intercalado por sonoras gargalhadas e sua interjeição predileta, “tá louco”, para condenar os lugares-comuns e bater sem dó nem piedade nos cartolas.

Caju foi sempre uma figura na contramão. PLACAR tem a honra de oferecer a ele, a partir deste mês, a última página da revista — além de publicações semanais no site e nas redes sociais. É uma voz necessária porque, aos 70 anos, Caju já viveu de tudo, mas tudo mesmo — inclusive um período de vício em drogas, vencido há duas décadas. Condecorado na França, onde jogou pelo Olympique e pelo Aix, ficou amigo de gente como o ator Alain Delon e o tenista Yannick Noah. O gênio do reggae, Bob Marley, o tinha como mito, embora Caju dissesse preferir o estilo cool de Miles Davis. Em 1980, ao chegar ao Brasil para uma série de shows, Marley pediu para conhecer o ponta-esquerda, depois transformado em meia, que logo tratou de marcar uma pelada no campo do Politheama, ali onde Chico Buarque diz jamais ter perdido um jogo.

Há quem acuse Caju de autossuficiente em demasia, pendurado em amizades famosas, numa penca de títulos e em seu sucesso na seleção, no Botafogo, Flamengo, Fluminense, Grêmio, Vasco e Co-

revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 veja.abril.com.br/placar

 placar@abril.com.br

rinthians, além dos clubes franceses. Ele tem a resposta na ponta da língua, ao lembrar sua origem pobre: “Não sou marrento, sou autêntico; odeio falta de educação, grosseria e preconceito”.

Não há, enfim, personagem mais interessante para passear pela história do futebol e, aos olhos de hoje, enxergar o que os outros não veem, sempre no papo reto. Bem-vindo, Caju.

Nesta edição, para demonstrar que o esporte de Caju e cia. vive também fora de campo, PLACAR publica com exclusividade um capítulo de *A Invenção da Invenção do Futebol*, livro ainda inédito de Mario Prata. Boa leitura.

SUMÁRIO

CAPA: ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto, Thais Anes Revelles **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Leonardo Eichinger, Marcelo Minemoto, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia – Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Coordenador:** Marco Antonio Alvarez Salvador **Secretárias de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisores:** André Luís Porto Araújo, Eduardo Perácio, Elvira Gago, Rosana Tanus, Sergio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Adriana Gironda, Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Christian Carvalho Cruz, Danilo Monteiro, Gabriel Grossi e Silvio Nascimento (texto)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Willian Hagopian (Regionais) DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO Andrea Abelleira PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 460 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

www.grupoabril.com.br

DE BASQUETE E FUTEBOL

A morte de Kobe Bryant, em 26 de janeiro, aos 41 anos, vítima da queda de um helicóptero, comoveu o mundo — dos amantes do basquete, evidentemente, mas também do futebol. O eterno ala-armador do Los Angeles Lakers sempre gostou da bola nos pés. Aproximou-se do Milan no tempo em que seu pai jogou em Bolonha, na Itália, e ele, ainda criança, torcia pela equipe *rossonera*. A homenagem do clube milanês no estádio San Siro foi uma reação natural e emocionada dos *tiffosi*.

AC MILAN/DIVULGAÇÃO

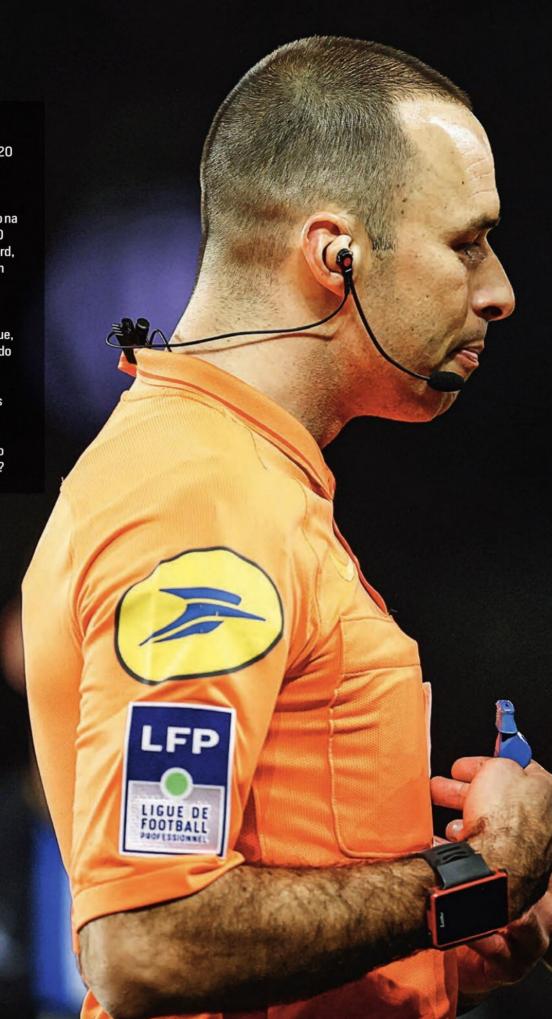
INSATGRAM: @REALMADRID

500 VEZES MARCELO

Não é para qualquer um. O lateral-esquerdo Marcelo fez história no Real Madrid ao completar 500 partidas pela equipe merengue, desde 2007. É o segundo estrangeiro com mais jogos pelo clube — perde apenas para um conterrâneo e parceiro de posição, Roberto Carlos, que entrou 527 vezes em campo. Em breve, portanto, o cabeludão tomará a dianteira e estará, definitivamente, nas enciclopédias.

GONZALO FUENTES/REUTERS

CALMINHA...

Neymar tem jogado muito em 2020 — e, claro, não para de produzir notícias também fora de campo, nos intervalos, no vestiário etc. Advertido com um cartão amarelo na partida contra o Montpellier (5 x 0 para o PSG) pelo juiz Jérôme Brisard, que achou exagerado um lance em que o brasileiro tentou dar uma lambreta no zagueiro adversário, o camisa 10 esperneou como sempre, com alguma razão. Até que, ao fim do jogo, o ex-santista saiu do tom, e esbravejou com o árbitro. *"Be patient"...*, sugeriu Brisard. No que o craque (então de cabelos rosa) retrucou, elegantemente: *"Be patient* é o c... vai se f...", em português castiço. Até quando ele fará mais barulho pelo que diz?

A REDESCOBERTA DO BRASIL

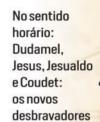
OS TREINADORES ESTRANGEIROS, AMANTES DOS GOLS E DA VELOCIDADE, QUEBRAM A RESERVA DE MERCADO E COMEÇAM A MUDAR A PROSA DO FUTEBOL BRASILEIRO. A PERGUNTA INEVITÁVEL: SERÁ UM MOVIMENTO DURADOURO?

Luiz Felipe Castro

Não seria exagero dividir a recente história do futebol brasileiro em dois tempos: as eras a.J. e d.J. (antes e depois de Jorges). Sim, no plural. Em 2019, os xarás Jorge Sampaoli, o argentino do Santos, e Jorge Jesus, o português do Flamengo, chacoalharam as estruturas e viraram o assunto de predileção de dirigentes e torcedores. Sampaoli foi vice-campeão brasileiro. Jesus fechou a banca, com o título do Brasileirão e da Libertadores. Um e outro — e ambos — oxigenaram o ambiente com novas metodologias de trabalho e, sobretudo, com um futebol ofensivo, tantas vezes associado ao DNA do Brasil no passado, mas que há muito parecia ter se perdido no meio do caminho. O sucesso da dupla inspirou, agora em 2020, outros clubes a adotar a tecnologia estrangeira: o Santos, que não manteve Sampaoli, trouxe outro português, o veterano Jesualdo Ferreira; o Internacional de Porto Alegre importou o argentino Eduardo Coudet; e o Atlético Mineiro assinou com o venezuelano Rafael Dudamel. O Avaí, rebaixado para a Série B, buscou em terras lusitanas o desconhecido Augusto Inácio. De volta à elite e repaginado, o Red Bull Bragantino esteve perto de fechar com outro cidadão de Portugal, Carlos Carvalhal.

A presença estrangeira de treinadores impõe uma pergunta: de que modo os forasteiros influenciaram o futebol praticado no Brasil, se é que de fato influenciaram? A primeira constatação é que, surpreendentemente, Jesus — o "Mister"—, sobretudo ele, e também Sampaoli chegaram a ofuscar estrelas como Gabigol, Bruno Henrique e Soteldo. O homem à beira do gramado com mais destaque do que o craque em campo? É o ponto ao qual chegamos, e Jesus é o líder incontestável desse movimento traduzido em gols, velocidade e posicionamento da equipe em campo. O cabeludo de Amadora, na região metropolitana de Lisboa, até que começou modesto no Brasil. Ao retornar a sua terra natal com duas taças na bagagem, no entanto, esbanjou na autopromoção, que sempre o caracterizou. Chamou para o embate o mais marrento dos "professores" brasileiros, Renato Gaúcho, do Grêmio. "O Renato nunca saiu do Brasil, nunca ganhou um Brasileirão. Mas tudo bem. É um treinador querido, era o número 1 antes de eu chegar", disse o luso sobre o técnico adversário, que o provocara na véspera do duelo decisivo pela semifinal da Libertadores, vencido pelo Flamengo por um acachapante 5 a 0, numa atuação próxima da perfeição e avassaladora.

No sentido horário: Dudamel, Jesus, Jesualdo e Coudet: os novos desbravadores

ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO; SHUTTERSTOCK

Jesus foi apenas o segundo estrangeiro a vencer um torneio nacional, exatos sessenta anos depois do argentino Carlos Volante, campeão da Taça Brasil de 1959, pelo Bahia, competição reconhecida pela CBF como o primeiro Campeonato Brasileiro. Num passado mais distante, outros nomes tiveram papel relevante no desenvolvimento do futebol pentacampeão do mundo. O húngaro Béla Guttmann talvez seja o melhor exemplo: sobrevivente do Holocausto, ele chegou ao São Paulo em 1957 e, entre diversas inovações, adotou um novo sistema, o 4-2-4. Foi campeão paulista e influenciou as ideias de Vicente Feola, comandante canarinho no primeiro Mundial, em 1958, na Suécia. Guttmann levou sua sabedoria a mais de dez países e obteve a consagração máxima justamente na terra de Jesus, como bicampeão europeu com o Benfica do craque Eusébio.

Se hoje é o Brasil que importa conhecimento lusitano, a mão contrária já foi realidade, mas isso passou. Como lembrou o próprio Jesualdo Ferreira em sua chegada à Vila Belmiro, o carioca Otto Glória, em 1966, e o gaúcho Luiz Felipe Scolari, em 2006, guiaram Portugal às suas melhores campanhas em Copas — o terceiro e o quarto lugar, respectivamente, em 1966 e 2006. Nos tempos de fascínio com o "jogo bonito", nomes como Zico, Rivellino e Carlos Alberto Parreira, entre outros, também tiveram um papel catequizador" no Japão, no Oriente Médio e em países da África. Nas grandes ligas europeias, os casos rareiam. Vanderlei Luxemburgo teve efêmera passagem pelo galáctico Real Madrid, assim como Felipão no Chelsea. A dificuldade com o idioma e as severas normas de autorização de trabalho são apontadas como os principais entraves, mas há outras explicações para a falta de reciprocidade. O futebol brasileiro paga bem aos treinadores — o salário de Jesus,

CRF/DIVULGAÇÃO

JORGE JESUS

O "Mister", português

Idade: 65 anos

Equipes anteriores: Braga, Benfica, Porto, Sporting, Al-Hilal

Principais títulos: Campeonato Português (2010, 2014 e 2015), Brasileirão 2019 e Libertadores 2019

Jorge Jesus é muito bom no que faz e sabe disso — não abre mão de vender bem seu peixe. Seu Flamengo de 2019 conquistou o Brasil e a América jogando de forma direta, com passes rápidos, quase sempre para a frente, e muita movimentação sem bola. Não é adepto de "rodízio" de sistema nem de titulares e dá atenção especial a bolas paradas e jogadas ensaiadas. Tem prazer em arriscar. "Prefiro ganhar por 5 a 4 a vencer por 1 a 0."

Esquema de jogo: 4-1-3-2

Heróis do além-mar: o carioca Otto Glória *(à esq.)* e o gaúcho Luiz Felipe Scolari guiaram a seleção portuguesa às suas melhores campanhas em Copas do Mundo: 3º lugar em 1966 e 4º em 2006, respectivamente

por exemplo, ultrapassa 1,5 milhão de reais mensais — em comparação a clubes medianos e pequenos da Europa, e os técnicos daqui não se mostram dispostos a iniciar uma aventura europeia "por baixo", como fizeram os argentinos Diego Simeone e Mauricio Pochettino. O resultado, para boa parte dos brasileiros que aqui ficam, diante da invasão dos internacionais: um sentimento de resistência, de algum rancor, como se houvesse uma reserva de mercado *(leia a entrevista com Vanderlei Luxemburgo, na pág. 20)*.

Antes de seguir o jogo, cabe uma paradinha para entender o que há em Portugal para produzir treinadores de tanto sucesso. Há portugueses de prancheta espalhados pelo mundo. Só na inglesa Premier League, a melhor liga do mundo, são dois: o mais laureado dos gajos, o "Special One" José Mourinho (Tottenham), e Nuno Espírito Santo (Wolwerhampton). Jesualdo Ferreira, o septuagenário treinador do Santos, é como um guia da atual leva, o nome que liderou a ideia de tratar o futebol como ciência acadêmica.

Jesualdo desistiu cedo do sonho de ser jogador e, com 24 anos, formou-se em educação física. Passou a conciliar as carreiras de treinador — de clubes pequenos — e professor. Estudioso inveterado, ele foi um dos criadores do Gabinete de Metodologia do Treino de Futebol, uma espécie de "escola de futebol", no fim da década de 70. Aprendeu, e depois ensinaria, em bancos escolares, mas também na crueza do cotidiano. Um incrível episódio cruzou seu destino com o de um mestre brasileiro. Durante breve passagem da seleção brasileira por Portugal, pouco antes da estreia na Copa de 1982, Jesualdo, então um jovem treinador, se dispôs a ajudar Telê Santana a analisar os adversários do Brasil. Alertou sobre a organização do jogo da Itália e as qualidades do artilheiro Paolo Rossi. Telê não deu muita bola, e o resultado todos conhecemos. Antes mesmo de atingir o ápice tardiamente — o primeiro troféu veio em 2007, com o Porto, aos 60 anos —, Jesualdo já havia influenciado uma leva de talentos da prancheta como Carlos Queiroz (seleção da Colômbia), Leonardo Jardim (Mônaco), André Villas-Boas (Olympique de Marselha), Paulo Fonseca (Roma) e Paulo Bento (seleção da Coreia do Sul). O curso organizado pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e pela Associação Nacional dos Treinadores de Futebol do país (ANTF) é um dos mais respeitados da Europa e pode ser feito em onze unidades espalhadas por Portugal — o da CBF, bem mais caro, só é ministrado no Rio.

Na sala de aula ou no campo, Jesualdo não abandona o tom professoral. A expressão "Sabe por quê?", seguida de uma explicação didática, é recorrente nas conversas com o novo treinador do Santos. "Jorge Jesus é mais midiático, mais polêmico. O Jesualdo é mais querido, é um rabugento simpático", define Bruno Andrade, jornalista brasileiro que foi colega de Jesualdo na emissora lisboeta Canal 11, onde o treinador passou o último semestre atuando como comentarista (analisando os jogos do Flamengo).

Jesualdo, que viu de perto Pelé e companhia brilhar no título mundial de clubes de 1962, em Lisboa, desistiu da aposentadoria pela honra de dirigir o time do rei do futebol. Foi seduzido pela proposta do diretor de futebol santista William Thomas, com quem teve conexão imediata. No entanto, assim como ocorrera com seu antecessor, Sampaoli, não demorou a ter os primeiros entreveros com o presidente José Carlos Peres ao tomar pé da conturbada situação financeira na Vila Belmiro.

Chegou com receio da cobrança da imprensa brasileira, mas fez questão de marcar posição. "Você quer intensidade com apenas dois jogos? Muitas vezes quem corre é a bola. Ela não cansa", ironizou Jesualdo, incomodado com as primeiras comparações com o antecessor, Sampaoli. O português é entusiasta do futebol ofensivo, mas não de forma tão radical quanto o argentino. Preza uma equipe equilibrada na defesa e mais cadenciada na criação.

Inter e Galo apostaram em treinadores mais jovens. Recorrer a técnicos estrangeiros não é uma novidade para o Colorado — foram treze ao longo da história, dois na última década, os uruguaios Jorge Fossati e Diego Aguirre. O argentino Eduardo Coudet, 45 anos, é o caçula entre os gringos da Série A. "Chacho", como é conhecido em seu país — apelido que ganhou na juventude por sua semelhança com Claudio Chacho Cabrera, então um cabeludo volante do Vélez Sarsfield —, foi um meio-campista de bom nível com passagens por River Plate e Rosario Central e causou impacto já no início da nova carreira, a partir de 2015, pelo Rosario Central. "Gosto de equipes passionais, da loucura linda do torcedor", afirmou, em sua chegada a Porto Alegre. O técnico do Inter é uma figura carismática, um autêntico "Loco Lindo", expressão usada na Argentina para descrever pessoas tão excêntricas quanto encantadoras. Como jogador, numa época em que ostentava madeixas descoloridas, colecionou causos. Chegou a "roubar" e sair pilotando o ônibus do Platense, equipe que o revelou, e ganhou fama de provocador, como

JESUALDO FERREIRA

O "Professor", português

Idade: 73 anos

Equipes anteriores: Benfica, Braga, Porto, Málaga, Zamalek, Al-Sadd, entre outras

Principais títulos: Campeonato Português (2007, 2008 e 2009), Campeonato Egípcio (2015) e Campeonato Catari (2018)

O tom professoral de quem estuda o futebol há mais de quatro décadas se faz presente a cada gesto do bonachão Jesualdo, o treinador mais experiente do país em 2020. Ele não costuma mudar seu esquema e preza um time equilibrado na defesa, mas com mais vocação ofensiva e um jogo direto. "Entre ter a posse de bola e chegar mais rápido ao ataque, prefiro a segunda opção", diz.

Esquema de jogo: 4-3-3

quando fumou, colado à bandeira de escanteio, um cigarro aceso atirado pela torcida adversária.

Coudet sossegou na nova função, mas manteve certa extravagância. O cachecol no pescoço, complementando um look de mangas curtas, tornou-se sua marca registrada e tem tudo para virar tendência no Beira-Rio. Chacho era um sonho antigo do Inter, que esperou meses com o interino Zé Ricardo até, enfim, conseguir concretizar o negócio. O argentino chamou a atenção do clube gaúcho ainda em seu primeiro trabalho, pelo Rosario Central, ao eliminar o Grêmio na Libertadores de 2016. Teve passagem rápida e inglória pelo Tijuana, do México, e se consagrou no Racing com um título argentino em 2019, jogando um futebol direto e ofensivo. Chacho é workaholic, intenso e energético, com perfil semelhante ao do ídolo do time, seu compatriota Andrés D'Alessandro, de quem foi companheiro de meia-cancha nos tempos de River. Assim como D'Ale, costuma enchouriçar os árbitros.

Muitos em seu país o apontam como seguidor da escola de Marcelo Bielsa, seja na preocupação tática, seja no comportamento agitado, apesar de, ironicamente, ter tido desavenças com "El Loco". Reza a lenda em Buenos Aires que Coudet não foi convocado para a seleção de Bielsa pois era ídolo do Rosario, rival do Newell's Old Boys, time do coração do comandante. Em entrevistas recentes, Coudet citou o chileno Manuel Pellegrini e os compatriotas "Turco" Mohamed e Diego Simeone como suas referências. "O Coudet é de uma escola diferente, que vivi por muito tempo. É muita intensidade, pressão e manutenção da bola", resumiu D'Alessandro, que neste início de trabalho vem fazendo as vezes de tradutor da comissão técnica. Nos treinos, os toques de primeira para acelerar o jogo são uma exigência de Chacho.

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

O ex-volante Paulo Bento *(acima)* chegou a treinar o Cruzeiro em 2016, mas não durou nem três meses – hoje dirige a seleção da Coreia do Sul. O mais bem-sucedido treinador português é José Mourinho, autointitulado o "Special One" *(abaixo)*

RICHARD HEATHCOTE/GETTY IMAGES

O Atlético Mineiro também apostou em um comandante de personalidade forte. Antes, tentou Sampaoli, mas se assustou com a pedida salarial do argentino. O escolhido então foi Rafael Dudamel, de 47 anos, que acumulava façanhas relevantes e rusgas com a diretoria da seleção da Venezuela. O torcedor mais velho deve se lembrar de Dudamel como o goleiro falastrão que tantas vezes encarou craques brasileiros por clubes e pela Vinotinto. Era ele o arqueiro do Deportivo Cali, da Colômbia, na final da Libertadores de 1999, vencida pelo Palmeiras. "Um dos caras mais chatos que já enfrentei", revelou o ex-meia Alex à ESPN sobre o desbocado goleiro, que gostava de tirar os adversários do sério e era metido a artilheiro — batia pênaltis e, em 1996, marcou um golaço de falta diante da Argentina pela Venezuela.

Dudamel desembarcou em BH nos braços da torcida, em mais um sinal de como os treinadores ganharam status de estrela — mais ainda em um cenário de crise econômica, no qual até mesmo clubes endinheirados, como o Palmeiras, têm preferido limpar sua folha salarial a rechear seus elencos. "Meu estilo é ganhar", resumiu o venezuelano, já tentando espantar a pecha de defensivo que ganhou na seleção venezuelana. Na mais recente Copa América, seu ferrolho complicou o time de Tite em um empate sem gols, seguido de "críticas construtivas" de Dudamel à estrutura do torneio em solo brasileiro. O venezuelano não é um retranqueiro, mas pode ser apontado como o mais "conservador" dos novos gringos. Costuma montar suas equipes num 4-3-3, com dois pontas de força e velocidade, para puxar os contra-ataques e também ajudar na marcação, e um centroavante de ofício. Mas gosta de atletas polivalentes e

RAUL PEREIRA /FOTOARENA/FOLHAPRESS

EDUARDO COUDET

O "Loco Lindo", argentino

Idade: 45 anos

Equipes anteriores: Rosario Central, Tijuana, Racing

Principal título: Campeonato Argentino 2019

Como técnico, o argentino Coudet manteve boa parte da extravagância que o caracterizou como jogador. Exige de seu time intensidade absoluta e gosta de pressionar o campo do adversário para retomar rapidamente a posse de bola. Costuma jogar com um primeiro volante mais fixo e dois atacantes, e deve tornar o Inter mais vertical, ofensivo e forte fisicamente. É carismático e preza a boa relação com seus comandados. "Gosto de equipes passionais."

Uendel
Víctor Cuesta
Marcelo Lomba
Musto
Rodrigo Moledo
Rodinei
Patrick
Lindoso
Edenilson
Guerrero
D'Alessandro

Esquema de jogo: 4-1-3-2

pode mudar o desenho tático dependendo do adversário.

Sua maior virtude, que casa com o atual momento financeiro do Atlético, é formar jovens talentos. Antes de assumir a seleção principal, Dudamel guiou a equipe sub-20 a um histórico vice-campeonato do Mundial da categoria em 2017, perdendo a final para a Inglaterra. O meia Soteldo, grata surpresa do time do Santos no ano passado, fazia parte daquela equipe. Dudamel é disciplinador e não foge de uma boa briga. Deixou a seleção venezuelana alegando problemas de relacionamento com os cartolas. Um dos conflitos teve motivações políticas: em março de 2019, depois de a Venezuela bater a Argentina de Lionel Messi por 3 a 1, em Madri, o plantel recebeu a visita do embaixador venezuelano na Espanha, Antonio Ecarri. A assessoria do autoproclamado presidente interino, Juan Guaidó, divulgou imagens do encontro como um sinal de apoio do grupo à queda de Maduro. Dudamel, que mantinha residência na Colômbia e sempre adotou um discurso apolítico, sentiu-se traído e chegou a pôr o cargo à disposição. Permaneceu mais um ano, mas, segundo ele próprio, as relações foram "se deteriorando". No Galo, que tem pretensões maiores que a da seleção venezuelana, Dudamel tentará subir de patamar na carreira.

Como em qualquer ramo da civilização, o intercâmbio de ideias moldou o desenvolvimento do futebol. Jorge Jesus e Pep Guardiola, por exemplo, foram fortemente inspirados por Johan Cruyff. O Brasil também teve influenciadores de escol, como Zagallo e Telê Santana. Por nunca terem deixado o Brasil, alimentaram a ideia de isolamento: para que olhar para fora? O desembarque de Jesus, Jesualdo, Coudet e Dudamel parece mostrar que os tempos mudaram.

GUSTAVO RABELO/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

RAFAEL DUDAMEL

O "Formador", venezuelano

Idade: 47 anos

Equipes anteriores: Estudiantes de Mérida, Deportivo Lara e seleções da Venezuela (sub-17, sub-20 e adulta)

Principal conquista: vice-campeonato do Mundial Sub-20 de 2017

O ex-goleiro é o mais "conservador" entre os gringos do Brasileirão — na seleção venezuelana, sua retranca bem-feita complicou o Brasil na Copa América. Ele costuma jogar com pontas rápidos e um atacante de referência. Formar jovens talentos é sua maior virtude. "Eles vão ter espaço, mas precisam ter méritos e trabalhar o triplo dos atletas consagrados." Dudamel tem perfil disciplinador e personalidade forte, o que já causou rusgas com dirigentes e jornalistas em seu país.

Esquema de jogo: 4-1-4-1

No Palmeiras, em sua quinta passagem pelo clube paulista: aos 67 anos, 37 dos quais à margem do gramado

"O TÉCNICO NÃO PODE SER ÍDOLO"

VANDERLEI LUXEMBURGO, CONSIDERADO UM DOS "SUPERTÉCNICOS" DOS ANOS 1990, VÊ COM RECEIO A GLORIFICAÇÃO EXCESSIVA DOS DONOS DA PRANCHETA, SOBRETUDO OS EUROPEUS, CERCADOS DE TOLOS CHAVÕES

Alexandre Senechal

Para o treinador Vanderlei Luxemburgo, de 67 anos, 37 deles dedicados à profissão, o futebol não está vivendo uma modernização, como tanto se canta por aí. Pelo menos não dentro de campo. O técnico, que voltou ao Palmeiras em 2020, em sua quinta passagem pelo clube, não vê muita diferença entre o que se fazia anteriormente, em torno dos anos 1970, e o que se apregoa hoje — o que mudou, para ele, foi apenas o uso excessivo de novos termos, como se uma reforma na retórica se traduzisse em revoluções. Na atual era da invasão dos estrangeiros pelo Brasil, o "profexô" que mais venceu o Campeonato Brasileiro retorna a um clube com grande poderio financeiro, candidatíssimo a títulos de expressão. Estaduais à parte, a mais recente taça nacional de Luxemburgo veio com o Santos, em 2004. Ele recebeu PLACAR logo depois do primeiro jogo oficial do Palmeiras na temporada, a goleada de 4 a 0 contra o Ituano, na estreia do Paulistão. A seguir, os melhores trechos da conversa.

"O que existe de moderno é a velocidade e a quilometragem percorrida em campo. Quando noto isso, dizem que estou ultrapassado"

O FUTEBOL BRASILEIRO PAROU NO TEMPO? Há muita valorização dos modismos. Fico preocupado com a falta de discussão da essência do futebol brasileiro. A grande cobrança vem dos mais jovens, que exigem modernidade dentro do jogo. Mas a modernidade está toda fora dele. O que existe de moderno, se é que existe, é a velocidade e a quilometragem percorrida em campo. Mas, quando noto isso, dizem que estou ultrapassado.

NADA MUDOU ENTÃO? As mudanças aconteceram lá atrás. O Zagallo fez uma pequena revolução quando ainda jogava, passando a atuar como terceiro homem de meio-campo. Na Copa de 1970, ele surpreende o mundo novamente com o primeiro "falso 9", o Tostão, antecipando o que Messi faz hoje, e que todos celebram como novidade. O que está mudando é a forma como o atleta se prepara fisicamente. Mas ele não pode virar um robô. Tem de entrar em campo mais forte, porém dentro da nossa essência. Com capacidade de molejo, de mudança de direção. E ninguém atenta para isso. Está todo mundo preocupado em discutir coisas que não nos levam a lugar algum. Somos pentacampeões com técnicos brasileiros. Somos onze vezes campeões mundiais interclubes com técnicos brasileiros. O que nós temos de aprender?

O QUÊ? Talvez os novos termos do futebol, porque os supostos entendidos acham que o vocabulário novo é sinal de modernidade. Aí decidi ver e analisar cada ponto. O que eles entendem por "futebol reativo"? Reativo é você jogar fechadinho, fechar a casinha. O contra-ataque, quando você joga de modo reativo, passou a ser "transição ofensiva". Quando você joga no campo no adversário, você faz a "transição defensiva". Ora, é a mesma coisa de antigamente. Só mudaram os nomes. O "perde, pressiona" nada mais é do que marcar pressão. Perdeu a posse de bola, recupera a bola. Pô, tem o "jogo apoiado". Eu me lembro do Zagallo falando assim: "Não passa à frente do ponta, apoia o ponta". Quer dizer, o lateral não

ALEXANDRE BATTIBUGLI

era o ponta, ele apoiava o ponta. Tudo isso já existia.

O SENHOR ACHA, ENTÃO, QUE ESSE EXAGERO COM NOVAS EXPRESSÕES É UM MODO MAL DISFARÇADO DE CELEBRAR A IMPORTÂNCIA DOS TREINADORES? Sim. O técnico não pode ser ídolo. Quem ganha o campeonato são os jogadores. Digo que 30% das conquistas pertencem ao técnico e 70% aos jogadores. Vivemos a hipervalorização do treinador. O Felipão foi campeão brasileiro em 2018. Em seguida, mandaram ele embora. Esse mesmo técnico que é o mais importante hoje, e pode ser o Jorge Jesus, se tomar três, quatro pancadas, com esse investimento do Flamengo, vai ser mandado embora e vocês vão dizer que ele "tá" com nada. É uma idolatria totalmente desnecessária.

O JORGE JESUS É O MELHOR TREINADOR DA ATUALIDADE NO BRASIL? Ele fez um trabalho brilhante. Ganhou o Campeonato Brasileiro e a Libertadores. Mas ganhou com o melhor time do Brasil. E para enaltecer o estrangeiro não é preciso diminuir o brasileiro. Fui campeão nacional cinco vezes e vice outras tantas. Mas o meu vice-campeonato não vale nada. O do Sampaoli valeu pra caramba, porque ele é estrangeiro. Ele perdeu tudo. Não que ele seja um mau profissional, pelo contrário. Ser vice-campeão brasileiro é difícil. Mas não quer dizer que ele é melhor do que os nossos.

HÁ UMA SÍNDROME DE VIRA-LATA DO BRASILEIRO EM RELAÇÃO AO TÉCNICO EUROPEU? Acho que existe uma competição dos formadores de opinião com os técnicos brasileiros. No meu entender, o comentarista tem de analisar as partidas e transmitir ao telespectador o que está acontecendo no jogo. Ele não deve entrar no mérito se o técnico é bom ou ruim. E existem uns que pedem até que mandem a gente embora.

O TREINADOR NO BRASIL VAI DE GÊNIO A BURRO NUM PISCAR DE OLHOS? Com o meu nome é ainda mais fácil. De Luxemburgo para "Luxemburro" é trocar o G pelo R. É fácil pra caramba *(risos)*. O Brasil é assim mesmo. Ninguém vai conseguir mudar. Nós somos culturalmente assim.

No sentido horário, as fases do "Profexô": ainda com o cabelo armado, fez sucesso no Bragantino; tirou o Palmeiras da fila, em 1993, e montou um dos melhores times do Corinthians de todos os tempos; chegou à seleção brasileira e ao "galáctico" Real Madrid; hoje, abandonou o terno e gravata à beira do campo

HÁ QUEM DIGA QUE O SENHOR É ULTRAPASSADO. COMO RESPONDE? Eu não ligo. Só vou ligar no dia em que um jogador meu disser que eu estou ultrapassado.

POR QUE OS TREINADORES BRASILEIROS NÃO SÃO PROCURADOS POR GRANDES TIMES DA EUROPA? Somos o único país sul-americano que fala português, enquanto os vizinhos falam outras línguas. Na Europa, você nasce e é obrigado a aprender dois idiomas. São coisas que as pessoas não conseguem entender. Elas nos medem pelos outros. Para você poder aprender inglês, é preciso pagar. Hoje eu gasto 10 000 reais mensais para a minha neta estudar e poder ir para Harvard. Mas eu posso fazer isso. E quem não pode? Somos um país de favelados, de menos favorecidos, que não têm educação e enfrentam muitas dificuldades sociais. É uma tremenda barreira.

O SENHOR SOFREU MUITA RESISTÊNCIA NO REAL MADRID, APENAS POR SER

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI; JAVIER SORIANO

BRASILEIRO? Nenhuma. O trabalho foi muito bom. Essa tal resistência foi invenção da imprensa brasileira. Para se ter uma ideia do respeito que eles têm pelo técnico lá, eu nunca paguei uma conta em nenhum restaurante. Seja em Barcelona, seja em Valência, em qualquer lugar. Saí do Real Madrid por uma divergência que hoje eu talvez não tivesse *(Luxemburgo discutiu com o presidente Florentino Pérez, dizendo que, se ele não estava satisfeito, tinha liberdade para demiti-lo. Foi o que aconteceu)*. Aí vem a experiência. O Barcelona estava na frente e eu estava diminuindo a distância. Quando fui embora, o Zidane me mandou um texto dizendo: "Queria lhe agradecer. Você foi o melhor técnico que eu tive, me pôs na posição em que eu joguei na Copa do Mundo na França. Muito obrigado, *mister*". Quer dizer, p..., receber isso do Zidane... Do Beckham também. Se recebi isso de alguém, será que tinha algum problema com os jogadores?

"O Jorge Jesus fez um trabalho brilhante, mas ganhou com o melhor time. Para enaltecer o estrangeiro, não é preciso diminuir o brasileiro"

HÁ MUITA DIFERENÇA ENTRE OS JOGADORES DA NOVA GERAÇÃO E OS ATLETAS DOS ANOS 1990? Sim, porque quem os formava eram os ex-jogadores. Hoje em dia, essa formação parte de assessor de imprensa, empresário e uma porrada de gente que acha que futebolista é matéria-prima.

COMO ASSIM? Antigamente tinha menos interferência. Quem mandava neles eram o técnico, o pai e a mãe. Você os chamava para uma conversa. Lembro do *(ex-lateral-direito)* Maicon, no Cruzeiro. Chamei seus pais e disse a eles: "Vocês têm de morar aqui, porque seu filho é um fio desencapado. Quando ele sair daqui, alguém vai ter de estar na casa dele, senão vai dar m...". A avó veio morar com ele, e o que aconteceu? Teve uma carreira brilhante, chegou à seleção. Hoje você não tem mais esse tipo de conversa. O empresário adquire uma procuração e fica esperando o momento certo de propor uma venda. Ele não faz a gestão da carreira. Não sou contra empresários ou assessores. Mas essa é a realidade. Mandam fazer reportagem com o seu cliente porque ele foi para a reserva. Em vez de fazer reportagem, vai pra dentro da p... do campo e luta para ser o titular. Aí depois faz a reportagem como titular.

TITE ESTÁ SENDO FRITADO? Acho que sim. Sinto que as pessoas se cansaram do discurso do Tite e por isso o estão desgastando. Ele tem a maneira dele de falar e mostrar o futebol. Se o resultado não vem, o discurso é uma m... Se o resultado vem, é ótimo. É futebol, cara.

PENSA AINDA EM VOLTAR A TRABALHAR NA EUROPA OU VOLTAR À SELEÇÃO? Depende muito de momento. Se você me perguntar se estou preparado para isso, eu direi que sim. Melhor do que antes, com certeza absoluta. Mas não é uma coisa que coloquei como objetivo. Anteriormente, meu objetivo era ser técnico da seleção brasileira. Acabei conseguindo. Hoje eu não falo, mas, se o cargo estiver vago, vou querer ser um dos postulantes. Tenho de ter essa coisa dentro de mim, efervescendo. Senão, é chegada a hora de parar. Ainda não, é cedo demais.

Talles Magno (26/6/2002), atacante do Vasco

Esforçando-se para equilibrar suas finanças, o Vasco depende cada vez mais das categorias de base para formar o time principal. Escalar jovens é, simultaneamente, estratégia e necessidade — postura exercitada com insistência e inteligência pela diretoria do clube. Foi Vanderlei Luxemburgo, então técnico do time, quem primeiro pôs os olhos em um atacante da categoria sub-20, Talles Magno. "Quem é esse que ninguém consegue tomar a bola dele?", questionou Luxemburgo. O atleta de 1,86 metro, forte e ágil nas jogadas individuais, tinha apenas 16 anos e não era titular da base porque o Vasco dava preferência aos garotos mais velhos. Acabou virando solução entre os adultos. Talles foi ao Mundial Sub-17 como a grande estrela da seleção brasileira, convocado depois de belas atuações no Brasileirão de 2019. Uma contusão nas oitavas, contra o Chile, o tirou das partidas seguintes e do resto da temporada. A lesão acabou por adiar propostas vindas de fora neste início de 2020. Sorte do Vasco. Mas na janela europeia de julho é certo que uma nova promessa do futebol brasileiro fará as malas.

ANDRE VALENTIM

APROVEITE ENQUANTO É TEMPO

POR IMPOSIÇÃO DAS FORÇAS DO MERCADO, OS JOVENS CRAQUES VÃO EMBORA DO BRASIL CEDO DEMAIS — DAÍ É O CASO DE FICAR ATENTO AOS QUE AINDA BRILHAM PELAS BANDAS DE CÁ

Alexandre Senechal

Quanto tempo é o bastante para um jogador alcançar o status de ídolo de um time? No passado, eram necessários alguns anos, quando não décadas, de dedicação. Zico, o eterno camisa 10 da Gávea, no Brasil só vestiu as cores do Flamengo. Somando-se suas duas passagens pelo clube, foram dezessete anos e 732 jogos com a camisa rubro-negra *(leia a reportagem especial sobre os primeiros passos de Zico, na pág. 52)*. O Galinho, aliás, só deixou o país para jogar na Udinese aos 30 anos, em 1983 (em decorrência de desentendimentos com a diretoria da época). Hoje, tudo mudou, e a velocidade imposta pela internet ao cotidiano chegou também ao futebol. As idolatrias são instantâneas, algumas vezes precipitadas — e quase nada é um tempo suficiente para o nascer de ídolos.

Vinicius Júnior passou pouco mais de um ano entre os profissionais do Flamengo, sem conquistar um título sequer. Depois de sua segunda — segunda! — partida no time principal, com apenas 16 anos, em 2017, foi negociado com o Real Madrid por cifras irrecusáveis até mesmo para um clube estruturado financeiramente como é hoje o campeão da Libertadores. Jogou, já vendido, por mais um ano e partiu. A nova ordem é identificar o craque ainda na puberdade, um fenômeno global. Com a ajuda de olheiros experimentados, que buscam joias do tipo exportação, PLACAR fez uma lista dos dez melhores jogadores nascidos no país do ano 2000 para cá. Vasculhou também os adolescentes internacionais *(leia a reportagem na pág. 30)* e as promessas da Copinha *(leia na pág. 32)*.

Gabriel Veron (3/9/2002), atacante do Palmeiras

Ele precisou de apenas dois jogos para cair nas graças da exigente torcida alviverde. Ao balançar as redes duas vezes, e ainda dar assistência na goleada por 5 a 1 sobre o Goiás, na penúltima rodada do Brasileirão do ano passado, o potiguar da pequena cidade de Assu confirmou as expectativas criadas na campanha do título Mundial Sub-17 com a seleção. Naquele torneio, Veron fez três gols e foi eleito o melhor jogador da competição. Fã de Cristiano Ronaldo e também do companheiro de time Dudu, o atleta teve seu segundo nome inspirado no craque argentino homônimo: a ideia partiu de um vizinho que só tinha filhas mulheres. A mãe aceitou prontamente a sugestão, um jeito de não batizá-lo de Carlos Alexandre Júnior, como tanto queria o pai. Foi ela também quem insistiu que o menino bom de bola não seguisse a atividade paterna — vaqueiro. "Ela e meu padrinho me levavam aos treinos de futsal quando estava com 7 anos", diz o jogador, ao relembrar a infância no interior do Rio Grande do Norte. Em um Palmeiras sem grandes contratações em 2020, ele terá a chance de mostrar que o Veron brasileiro também é bom de bola.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ABA PHOTO

Rodrygo (9/1/2001), atacante do Real Madrid-ESP

Assim como Neymar, ele já chamava atenção na infância. Não à toa, assinou o primeiro contrato com o Santos aos 11 anos. Em 2018, o Real Madrid pagou 45 milhões de euros para levá-lo, valor igual ao oferecido por Vinícius Júnior, do Flamengo. O apelido Rayo, assim mesmo, com "y", tal qual a grafia do nome do craque, faz alusão à sua velocidade. Ele marcou seu primeiro gol logo na estreia, contra o Osasuna, em setembro passado. Mas Rodrygo "trovejou" mesmo na Liga dos Campeões — foi autor de três gols na goleada por 6 a 0 sobre o Galatasaray, da Turquia. Caiu nas graças do técnico Zinedine Zidane e é escalado como titular com alguma frequência, apesar de ainda não ter vaga cativa. A boa fase despertou o interesse de Tite. Rodrygo fez parte da última lista de convocados da seleção brasileira em 2019 e participou dos amistosos contra a Argentina e a Coreia do Sul. Uma vontade de criança vai virar realidade: jogar ao lado de Neymar.

Reinier (19/1/2002), meia-atacante do Real Madrid-ESP

Jorge Jesus não ficou nem um pouco satisfeito com a venda de Reinier à Espanha, no mês passado — e considerou os 30 milhões pagos um valor demasiadamente baixo. "O Flamengo não sabe valorizar seus jogadores", disse o treinador ao receber a notícia, durante as férias. As brechas de contrato fizeram o rubro-negro acelerar o desfecho, porque poderia perder dinheiro lá na frente. O meia-atacante brasiliense foi um talismã na campanha dos títulos do Campeonato Brasileiro e da Copa Libertadores da América. Embora não fosse titular, ajudou o Flamengo nos minutos em que esteve em campo. O gol de cabeça na vitória por 2 a 1 contra o Fortaleza, no Castelão, foi seu momento de brilho. E também o de maior controvérsia: Reinier deveria ter se apresentado à seleção brasileira para a disputa do Mundial Sub-17, mas o Flamengo conseguiu sua dispensa, e ele disse não à amarelinha. Valeu a pena.

CRF/DIVULGAÇÃO

Um dos primeiros a trilhar o caminho ainda muito jovem foi o volante Denilson, vendido pelo São Paulo ao Arsenal em 2006, com 18 anos. O lateral-esquerdo Marcelo deixou o Fluminense com a mesma idade rumo ao Real Madrid em 2007, e os gêmeos Fábio e Rafael fizeram o trajeto no ano seguinte, também saídos do tricolor carioca, em direção ao Manchester United, sem nunca terem jogado no time principal do Flu. Os exemplos se multiplicaram nos últimos anos, graças à estrutura que os clubes montaram para não deixar ninguém escapar do radar. Os olheiros comparecem aos montes nas competições de base. Chegam até a estar em maior número em relação aos torcedores nos jogos de menor apelo. A Copa São Paulo de Futebol Júnior foi exemplo disso, mas não só ela. Eventos como o Mundial Sub-17 e os Jogos Pan-Americanos de Lima tinham representantes de clubes do Brasil, da Europa e até dos Estados Unidos.

Os torneios dos adolescentes viraram balcão de negócios. O que é bom também para os clubes brasileiros, sobretudo os mais endividados. O São Paulo e o Corinthians incluem na previsão de orçamento ano após ano a venda de jogadores. O são-paulino Antony e o corintiano Pedrinho defenderam a seleção no Pré-Olímpico. Apareceram na vitrine e, na ribalta, tiveram o passe valorizado. Qual é a probabilidade de os dois terminarem 2020 no Brasil? Reduzida.

As razões para o recrutamento cada vez mais precoce de jogadores são de ordem econômica, sobretudo, e técnica. Em 2006, o Real Madrid teve a chance de contratar uma promessa de 14 anos, Neymar, por míseros 60 000 euros. Não fechou o negócio e, agora, viu o pre-

ço de mercado do craque alcançar as centenas de milhões de euros. Precavido, o time merengue veio ao Brasil para tirar três promessas do nosso mercado (Vinicius Júnior, o santista Rodrygo e o rubro-negro Reinier). Ou seja, é mais barato fazer apostas de longo prazo do que correr o risco de ver um jogador escorrer pelos dedos. Do ponto de vista técnico, de qualidade dos jogadores, foi-se o tempo em que os grandes da Europa buscavam a malemolência formada nos campinhos de terra. Hoje, levam quase crianças para moldá-las à sua maneira. Quanto mais jovem, melhor.

A reportagem de PLACAR ouviu observadores e representantes de times europeus para descobrir quais são os fatores determinantes para a contratação de um novato. Conclusão: não importa só o talento com a bola nos pés. Investigam-se, nos campos e por meio de acompanhamento de exames médicos, as possibilidades de crescimento do corpo do atleta. Pessoas próximas aos meninos ajudam a traçar sua personalidade, bem como a chance de eles darem certo no exterior, no frio, na solidão. Uma família com boa estrutura e um agente sério também são cruciais. Jean Pyerre, meia do Grêmio, destaque em 2019, completará 22 anos em maio. Está passando da idade de ir embora. Por que, então, ainda não foi? Um olheiro que preferiu não se identificar dá a resposta: "Tem talento, mas se alimenta mal e dorme tarde. São coisas que ficamos sabendo ao ouvir pessoas de seu círculo, e percebemos que poderia não vingar".

Vinicius Júnior (12/7/2000), atacante do Real Madrid-ESP

O mais experiente do trio de novatos brasileiros do Real Madrid, o atacante de sorriso largo também deixou saudade na torcida rubro-negra. Estreou pelo time principal do Flamengo em maio de 2017, aos 16 anos. Àquela altura, o acordo de 45 milhões de euros com os espanhóis já estava encaminhado — foi concretizado dias depois. O Real ficou com receio de ver a joia escapar e cobriu a multa rescisória de 30 milhões de euros. A ida para a Europa só aconteceria em julho do ano seguinte, quando Vinicius atingiu a maioridade. Qual rubro-negro não se lembra da vitória de virada, com dois gols dele, sobre o Emelec na Libertadores de 2018? A primeira impressão no Bernabéu foi ótima. Vinicius tinha status de intocável até sofrer uma lesão no tornozelo direito no duelo contra o Ajax pela Champions. Recuperado, tenta conquistar a confiança de Zinedine Zidane para voltar à boa forma. Em entrevista recente a VEJA, mostrou ter paciência: "O Marcelo já havia me avisado: aqui, num dia você é o Pelé. No outro, não joga nada".

ABA PHOTO

Gabriel Martinelli (18/6/2001), atacante do Arsenal-ING

É difícil encontrar uma trajetória tão meteórica no futebol moderno quanto a do ex-atacante do Ituano. Em 2018, aos 16 anos, ele já era profissional na equipe do interior de São Paulo. No ano seguinte, voltou ao time de base para ser um dos destaques da Copa São Paulo, com seis gols marcados. Fez outros seis no Paulistão e ficou com a vice-artilharia do torneio. O faro de gol chamou a atenção do Arsenal, que contratou o atleta por módicos 6,7 milhões de euros. A aposta inglesa tem dado certo, com sobras. Em janeiro, ele se tornou o primeiro jogador com menos de 20 anos a fazer dez gols pela equipe londrina desde Nicolas Anelka, na temporada 1998-1999. A boa fase, numa largada tão espetacular, fez Ronaldinho Gaúcho compará-lo a Ronaldo Fenômeno. Há algum exagero, sim, mas Martinelli já mostrou entender de gols.

DAVID PRICE/ARSENAL FC /GETTY IMAGES

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Antony (24/2/2000), atacante do São Paulo

O jovem de Osasco, na Grande São Paulo, realizou dois dos sonhos mais cobiçados por qualquer criança brasileira. O primeiro foi se tornar um futebolista profissional. O segundo foi fazer isso vestindo a camisa do time do coração. Desde pequeno, Antony frequentava o Estádio do Morumbi com a tia para torcer pelo tricolor paulista. Passou a integrar as categorias de base também muito novo, aos 10 anos. A estreia na equipe principal aconteceu oito anos depois. Por um pedido do ídolo Raí, o atual diretor do clube, voltou ao sub-20 para participar da Copinha de 2019. Quatro gols, seis assistências e um título depois, retornou ao elenco profissional para nunca mais sair. É um dos poucos a escapar da ira da torcida pela seca de títulos. "O nosso grupo é muito qualificado, forte e unido. Nossa meta neste ano é brigar por títulos", disse Antony a PLACAR. Ir para a Europa agora? "Só se o clube quiser", afirma. Mas é bom que a taça venha agora no primeiro semestre, com o Estadual (que não é conquistado há quinze anos, aliás). Depois, será difícil segurar por muito mais tempo o canhoto bom de bola.

João Pedro (26/9/2001), atacante do Watford-ING

O sucesso de Richarlison fez com que o time inglês voltasse a procurar o Fluminense em busca de uma nova joia. João Pedro, então com 17 anos, impressionava na base, com mais de trinta gols marcados, quando o Watford acertou sua contratação, em outubro de 2018. Antes de completar 18 anos e poder se transferir para a Europa, o garoto jogou uma temporada inteira pela equipe carioca e pôde mostrar um pouco de seu talento. Já na primeira partida como titular pelo Flu, marcou três gols na vitória por 4 a 1 sobre o Atlético Nacional, no Maracanã, pela Copa Sul-Americana. Semanas depois, fez um golaço de bicicleta diante do Cruzeiro na Copa do Brasil. Ao todo, foram 37 partidas e dez gols marcados. As oportunidades — e os números — ainda não se repetiram na Inglaterra, mas é só o começo.

FOTOS ACERVO PLACAR

Mas nada, nada mesmo, é mais decisivo que a data de nascimento. Ter quase 22 anos, como Jean Pyerre, é sinônimo de fim de interesse. Everton Cebolinha, também do Grêmio, estrela do título brasileiro na Copa América de 2019, não carimbou o passaporte porque tem 23 anos, e é considerado velho demais para os padrões da primeira prateleira do mercado. O fato de ficar muito tempo no futebol brasileiro também é visto como ponto prejudicial. Apesar de concordarem que o país é celeiro de grandes craques, os clubes acreditam que o nível tático os faz desenvolver vícios de difícil correção. "Muitos profissionais do exterior acham que o futebol brasileiro está colado ao passado, distante da dinâmica de jogo vitoriosa na Europa", afirma Frederico Pena, sócio da TFM Agency e empresário que participou das negociações de Vinícius Júnior para o Real Madrid e Gabriel Martinelli para o Arsenal. Pena diz não concordar com essa impressão de fragilidade, mas admite ser impossível fugir dela. E a realidade é crua: muitas vezes, uma partida do futebol europeu parece outro esporte quando cotejada com um jogo no Brasil — salvo as exceções que confirmam a regra.

Para além da idade, e dos maus hábitos de posicionamento no gramado, a cabeça do atleta também importa — e muito. O brasileiro ainda é visto como um jogador baladeiro e instável, graças aos exemplos recentes observados em Adriano Imperador, Ronaldinho Gaúcho e Neymar. Mas isso está mudando, e a meninada sabe que só haverá futuro se cuidar de seu cotidiano como uma mãe cuida de seus filhos, distante das tentações do dia a dia. "Poucos garotos da minha idade perdem noites de sono

toda hora. Minha geração está muito atenta", diz Talles Magno, vascaíno de 17 anos. Talles, que morava na distante Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio, se mudou para uma quitinete ao lado de São Januário e levou a mãe. Gabriel Veron, de 17 anos, do Palmeiras, considera a mãe sua "melhor amiga". Ele revelou a PLACAR ter alugado um apartamento em São Paulo no começo do ano, depois da renovação do contrato, para nele instalar a mãe e as duas irmãs, vindas da cidade de Assu, no interior do Rio Grande do Norte.

Talles e Veron, símbolos de um novo tempo, escolhidos para a abertura desta reportagem, caminham juntos por saberem que existe uma contradição natural: a idade os empurra para a farra, para a alegria, mas é nessa fase que eles podem pavimentar a estrada que os levará para o amanhã profissional. É agora ou nunca. E parece ser agora. Não é difícil imaginar que, logo, logo, Talles Magno e Gabriel Veron dirão adeus ao Brasil, para desespero de quem acompanhou o surgimento da dupla de perto. "Tomara que eles fiquem bastante tempo por aqui ainda. Queria que se formassem dentro da nossa cultura, da nossa essência, e não na Europa", diz Vanderlei Luxemburgo, responsável por lançar Talles Magno quando dirigiu o Vasco no ano passado e o atual técnico de Veron no Palmeiras. A vontade de Luxemburgo é compreensível — faltam craques no Brasil. Mas as imposições do mercado, que no futebol chegam a ser mais agressivas do que em muitos outros setores da economia, são implacáveis. É o caso de dizer ao torcedor, olhando os adolescentes que ainda circulam pelas terras de cá: aproveite enquanto é tempo.

Tetê (15/2/2000), atacante do Shakhtar Donetsk-UCR

"Sempre perigoso quando leva a bola da direita para o meio, Tetê foi apelidado de 'Furacão' no Brasil por seu poder destruidor." A definição foi feita pela Uefa quando incluiu o habilidoso canhoto na lista dos cinquenta jogadores para ficar de olho em 2020. Tetê é mais um caso daquelas promessas que nunca atuaram no futebol brasileiro. Em 2019, seu empresário forçou a barra para que o Grêmio o utilizasse no time de cima. Renato Gaúcho bateu o pé e disse que esperasse sua chance. No impasse, os gaúchos venderam 45% dos seus direitos ao Shakhtar Donetsk por 10 milhões de euros (e ficaram com 15% de seus direitos econômicos). Tetê chamou atenção antes de chegar à Europa. O desempenho ainda na base lhe rendeu uma convocação do técnico Tite para integrar os treinamentos da seleção brasileira durante a preparação para os amistosos contra El Salvador e Estados Unidos. Bayern de Munique, Roma e Milan estão atentos ao talento do atacante.

Yan Couto (3/6/2002), lateral-direito do Coritiba

Um dos três brasileiros selecionados pelo jornal inglês *The Guardian* — Talles Magno e Reinier foram os outros escolhidos — para integrar a lista de sessenta talentos do futebol mundial, elaborada em outubro de 2019, o jogador do Coxa era um ilustre desconhecido do grande público. Agora está de malas prontas para a Europa: o acerto era com o Barcelona, por 5 milhões de euros, mas os catalães levaram um chapéu. O Manchester City ofereceu três vezes mais para ficar com o lateral-direito, porém precisará de esperar até junho, quando ele completará 18 anos. Assim, o jovem estará em condições legais de se transferir. Yan Couto tem em Rafinha e Adriano os seus espelhos na posição. A dupla também foi revelada pela equipe paranaense e rodou o mundo defendendo grandes times europeus.

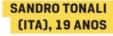
OLHO NELES TAMBÉM

A PRECOCIDADE É UM FENÔMENO GLOBAL. EIS A LISTA DA TURMA FORASTEIRA QUE JÁ BRILHA EM GRAMADOS EUROPEUS

Alexandre Senechal

Se a TV a cabo encurtou distâncias no fim do século XX para aqueles que buscavam partidas de futebol em outros domínios, a internet simplesmente pôs as informações de boa parte dos jogadores do planeta na palma da mão. Vivemos todos numa mesma ágora eletrônica. Por isso hoje é tão raro encontrar joias futebolísticas totalmente desconhecidas — embora na maioria dos casos elas ainda precisem ser lapidadas (e não dilapidadas). PLACAR selecionou dez nomes que rapidamente deixam de ser esperança para virar certeza. São todos nascidos a partir do ano 2000, tal qual os talentos brasileiros que aparecem nas páginas anteriores.

ALPHONSO DAVIES (CAN), 19 ANOS

Nascido em um campo de refugiados em Gana, o meia mudou-se para o Canadá quando tinha 5 anos. Foi contratado pelo Bayern de Munique para assumir o lugar de Robben na ponta, mas acabou se firmando como lateral-esquerdo

Compará-lo a Pirlo não é exagero. Os dois começaram a carreira no Brescia e são chamados de *regista*, a designação do primeiro volante que organiza o jogo. Tonali ainda tem uma vantagem: é melhor no desarme

ANSU FATI (GUINÉ-BISSAU), 17 ANOS

Em um elenco que tem Messi, Suárez e Griezmann no ataque, surpreende que um garoto tenha chances no Barcelona. E ele as vem aproveitando: é o jogador mais jovem a marcar um gol pelo time catalão

SEPP VAN DEN BERG (HOL), 18 ANOS

O zagueiro custou menos de 2 milhões de euros ao Liverpool, mas já foi elogiado pelo técnico Klopp por seu "talento excepcional". É o evidente herdeiro da categoria de Van Dijk

ERLING HAALAND (NOR), 19 ANOS

Surgiu para o mundo quando fez nove dos doze gols contra Honduras no Mundial Sub-20 do ano passado. Na estreia pelo Borussia Dortmund, sua atual equipe, mostrou logo a que veio: em 23 minutos, marcou três vezes

MOISE KEAN (ITA), 19 ANOS

O atacante foi o primeiro jogador nascido no ano 2000 a atuar em uma das cinco grandes ligas europeias e a participar de uma partida da Liga dos Campeões: aos 16 anos, na Juventus de Turim. Hoje, joga no Everton, da Inglaterra

JADON SANCHO (ING), 19 ANOS

Oriundo da base do Manchester City, o ponta trocou a chance de ser banco com Guardiola pela titularidade no futebol alemão. Escolha certeira. Hoje é considerado o quarto jogador mais valioso do mundo

TIMOTHY WEAH (EUA), 19 ANOS

De linhagem nobre no futebol – é filho do liberiano George Weah, o único jogador africano vencedor da Bola de Ouro –, o atacante começou a carreira no PSG. Acabou sem espaço num elenco recheado de estrelas. Hoje está no Lille, também da França

FÁBIO SILVA (POR), 17 ANOS

Se João Félix era o novo CR7 do Benfica, o Porto agora tem um projeto de Cristiano para chamar de seu. No ano em que foi campeão da Uefa Youth League, a Champions da molecada, fez 33 gols em 39 jogos

PHIL FODEN (ING), 19 ANOS

"Phil é o jogador mais talentoso que eu já vi." A frase é de Pep Guardiola, técnico do meia no Manchester City e que já dirigiu muita gente boa nesta vida. O espanhol prepara o jovem para ser o substituto de David Silva, que deixará a equipe no meio do ano

QUERO SER VOCÊ AMANHÃ

NÃO HÁ MELHOR CELEIRO PARA A REVELAÇÃO DE JOGADORES DO QUE O CELEBRADO TORNEIO DE JUNIORES

Em seus cinquenta anos de história, PLACAR pode se orgulhar de ter feito apostas em jogadores que brilharam em campos do Brasil e do mundo. Nomes como Romário, Ronaldo, Kaká e, mais recentemente, Neymar estiveram desde a meninice nas páginas da revista. Muitas vezes foram parar na capa. Um bom atalho para encontrá-los, como guia das possibilidades de futuro, fonte de que PLACAR sempre bebeu, é a Copa São Paulo de Futebol Júnior, a Copinha, que agora em 2020 celebrou a edição de número 51. O campeão foi o Internacional, que derrotou o Grêmio na final por pênaltis, depois de empate por 1 a 1. Participaram 127 equipes (seriam 128 se o Flamengo não tivesse desistido, para botar o time de garotos em campo nas primeiras partidas do Campeonato Carioca). O mais simpático torneio brasileiro cresceu e apareceu.

Olhar para sua história é um modo de entender a evolução dos craques — por isso, como exercício retroativo, listamos cinco jogadores, um para cada década da competição, que deram seus primeiros chutes de gente grande em gramados paulistas. E, para não perder o hábito, e ligar a bola de cristal, elencamos também cinco excelentes nomes de 2020. Guardem este rol para verificar, dentro de pouco tempo, se acertamos.

Alexandre Senechal

PASSADO

FALCÃO (INTER)
18 ANOS EM 1972

Foi o primeiro grande craque a desfilar seu talento na Copinha. O futuro "Rei de Roma" tinha recém-chegado à maioridade quando ajudou o Colorado a conquistar uma vaga na final do torneio. O título não veio, depois da derrota por 2 a 1 para o Nacional, time da capital paulista. No ano seguinte, Falcão foi promovido à equipe profissional do Internacional para fazer história: participou dos três títulos brasileiros do time gaúcho, além de ser eleito duas vezes Bola de Ouro de PLACAR.

NETO (GUARANI)
16 ANOS EM 1983

O irreverente apresentador da Band nunca foi um "pé de rato", como costuma apelidar jogadores ruins de bola. Em sua única aparição no torneio, o meia-esquerda já se mostrava um especialista em bola parada. Todo o seu talento não foi suficiente para ajudar o Guarani, lanterna de seu grupo. Naquele ano, porém, sagrou-se campeão paulista sub-17. Foi medalha de prata na Olimpíada de 1988 e destaque do primeiro título brasileiro do Corinthians, em 1990.

PRESENTE

BRUNO PRAXEDES (INTER)
18 ANOS

O jogador de meio-campo atuou como volante na Copinha, embora tenha qualidade para entrar na área e finalizar a gol, característica conhecida hoje, no jargão roubado do inglês, como *box to box*. A maioridade, atingida em fevereiro, parece ter feito bem ao camisa 8 do time campeão desta edição. Ficou para trás, portanto, a polêmica dos tempos da base do Fluminense — Praxedes declarou-se torcedor do Flamengo em uma rede social e acabou negociado pelo tricolor.

DIEGO ROSA (GRÊMIO)
17 ANOS

Em Salvador, terra natal do volante, "barril" é a gíria local, e carinhosa, para descrever alguém que é muito bom naquilo que faz. Não é à toa, portanto, que o meia Diego Rosa é chamado dessa maneira pelos colegas de clube e das seleções de base. Vice-campeão da Copa São Paulo, ele fez parte do elenco brasileiro campeão do Mundial Sub-17, no ano passado, e está no radar do técnico Renato Gaúcho para fazer parte do time principal do Grêmio, apesar da pouca idade.

DENER (PORTUGUESA)
19 ANOS EM 1991

O ataque da Portuguesa marcou 32 gols, venceu os nove jogos e o camisa 8 foi eleito o melhor jogador daquela edição da então Taça São Paulo de Juniores. O endiabrado meia-atacante fez um gol e participou dos outros três na goleada por 4 a 0 sobre o Grêmio na final. A atuação com a camisa da Lusa rendeu-lhe duas passagens por times grandes: no tricolor gaúcho e no Vasco. Dener morreu em um acidente de carro em 1994, quando defendia a camisa cruz-maltina.

NEYMAR (SANTOS)
15 ANOS EM 2008

Quando entrou em campo contra o Barra do Garças, de Mato Grosso, no lugar de um tal Paulo Henrique, que mais tarde ficaria conhecido pelo apelido (Ganso), Neymar estabeleceu o recorde de jogador mais novo a a atuar na competição — a marca foi superada neste ano por Pablo Ruan, do Osvaldo Cruz-SP. O então camisa 21 participou de dois gols na goleada por 5 a 1. Foi titular apenas na edição seguinte e, dois meses mais tarde, em março de 2009, estreou entre os profissionais.

GABRIEL JESUS (PALMEIRAS)
17 ANOS EM 2015

Se o jogador Gabriel Veron é a próxima esperança oriunda da base palmeirense, seu xará mais famoso passou pela mesmíssima situação há cinco anos. Quando disputou a Copinha, aos 17 anos, o hoje atacante do Manchester City vinha de vários campeonatos infantis como artilheiro. Jesus marcou cinco gols em seis jogos, mas isso não foi suficiente para dar o título ao alviverde, que caiu na semifinal daquela edição, derrotado pelo Botafogo de Ribeirão Preto (SP).

GABRIEL PEREIRA (CORINTHIANS)
18 ANOS

O alvinegro, o maior campeão da história do torneio — são dez títulos —, foi longe mais uma vez e parou somente nas semifinais, eliminado pelo campeão Inter. Passada a Copinha, a exigente torcida corintiana deposita suas fichas em um habilidoso meia canhoto. Gabriel Pereira poderia, inclusive, ter feito a diferença na semi, mas não jogou por estar suspenso. Nesta edição, ele foi testado na ponta direita, mesma posição de Pedrinho, que pode deixar o elenco rumo à Europa.

JAJÁ (ATHLETICO-PR)
18 ANOS

O apelido deste jovem atacante do Furacão é herança do pai, que também foi jogador e chegou a atuar pelo rival Coritiba. A promessa do clube paranaense, que fez quatro gols na Copinha, impressionou tanto que ele logo foi escalado no time de garotos que representa o Athletico no Estadual. Jajá provou que o faro de gol não ficou nas categorias de base. No segundo jogo como profissional, contra o Londrina, entrou nos momentos finais, tempo suficiente para balançar as redes.

FOTOS ACERVO PLACAR

RIQUELME (VASCO)
17 ANOS

Entre tantos Riquelmes nesta edição da Copinha, o lateral-esquerdo vascaíno se destacou mais pelo talento exibido dentro de campo. Apesar do nome igual ao do meia argentino, seu ídolo é Felipe, o ex-jogador de mesma posição que brilhou com a camisa cruz-maltina no fim dos anos 1990. Monitorado por clubes europeus como o Benfica, de Portugal, e o Paris Saint-Germain, da França, renovou o contrato até outubro de 2021. Já faz parte do jovem elenco que disputa o Carioca.

PELADEIRO, EU?

MICHAEL, A REVELAÇÃO DO GOIÁS, COMPRADO PELO FLAMENGO POR 33 MILHÕES DE REAIS, SAIU DO ÁLCOOL E DAS DROGAS PARA VIRAR UMA PROMESSA TARDIA. AOS 23 ANOS, ELE AGORA PRECISA MOSTRAR REGULARIDADE

Danilo Monteiro

O craque, de 1,66 metro, em seus primeiros dias como rubro-negro, em janeiro: do interior de Mato Grosso para o Rio de Janeiro

DIVULGAÇÃO CRF

Como na conhecida marchinha de Carnaval, este ano não vai ser igual àquele que passou para Michael Richard Delgado de Oliveira, o Michael, atacante destro de 23 anos e apenas 1,66 metro que em 2019 foi a grande revelação do futebol brasileiro, jogando pelo Goiás, e agora em 2020 fará parte do campeoníssimo Flamengo de Jorge Jesus e companhia. Não é um salto qualquer — é o tipo de situação de que ele sempre se aproveitou, empurrando os limites, tornando possível o que soava impraticável. Dito de outro modo: são tantas as reviravoltas na vida de "Porrinha", como era chamado na adolescência, que sua história não vai tardar a virar roteiro de filme. Há pobreza em campos de terra no interior de Mato Grosso, há drogas e recuperação na igreja, bebida e sobriedade — além de uma habilidade com a bola, como a capacidade de bater bem com os dois pés, como fazia muito tempo não se via pelas bandas de cá.

Michael é o cara, e acompanhá-lo será uma das diversões da temporada. A história começa em Poxoréu, cidade de apenas 17 000 habitantes localizada a pouco mais de 184 quilômetros de Cuiabá. Os gramados da capital mato-grossense pareciam pequenos para o menino de 16 anos que em 2012 deixou a família e os amigos para tentar a vida em Goiânia. Demorou, contudo, a ser descoberto por algum olheiro e, na indecisão, Michael diz ter vivido "entre a cadeia e a morte", perdido, sem lenço nem documento, num resumo amargo, embora não muito distante da realidade. A primeira oportunidade surgiu no Monte Cristo, em 2015, na terceira divisão do Campeonato Goiano. Mas o time era fraco, e o sonho acabou depois de seis jogos. Michael foi ao fundo do poço. O pouco dinheiro era gasto com bebidas, maconha e cocaína.

Um de seus amigos mais próximos, o "Mãozinha", foi assassinado numa briga de bar

Em 2016, ele lembra com tristeza, chegou a participar de pequenos furtos e tráfico de drogas. Um de seus amigos mais próximos, o "Mãozinha", foi assassinado em uma briga de bar. Era esse, enfim, o mundo em desequilíbrio da promessa que parecia se apagar antes mesmo de uma chance real. E, uma vez mais, o Brasil da pobreza, das frustrações, via um futuro subtraído. Salvou-o o diácono de uma igreja evangélica — como, aliás, ocorre na existência de tanta gente que se perde no meio do caminho. "A vida difícil que ele levava o fez escolher um caminho torto", afirma o pastor Verlaine, da Igreja de Cristo, em Goiânia.

O encontro com a religião coincidiu com a primeira boa oportunidade, oferecida por Fabrício Carvalho, então técnico do time sub-20 do Goiânia. "Nunca tinha conversado com ele, embora já tivesse ouvido falar de seu talento", disse Carvalho, hoje técnico do Vianópolis (GO), a PLACAR. "Tivemos uma conversa olho no olho, porque não se tratava só de uma chance dentro de campo, era também uma janela de oportunidade para o futuro daquele menino." Carvalho lembra ter sido o primeiro a levá-lo a sério. Antes, o moleque apenas aparecia nas partidas, invariavelmente as desequilibrava, mas era tratado como peladeiro — e, invariavelmente, acabava sendo arrastado para o cigarro, as drogas e as bebidas nas "resenhas" depois do apito final.

Com Carvalho, que praticamente o adotou como filho, Michael passou a trilhar o caminho do profissionalismo. Em 2017, foi para o Goianésia, da primeira divisão goiana. Lá, fez a melhor de suas partidas, ao anotar três gols, na goleada por 5 a 1, contra o tradicional Vila Nova. A atuação do atacante chamou a atenção do Goiás, que anunciou sua contratação no fim do campeonato estadual. Os primeiros dois anos foram difíceis, até a chegada do treinador Ney Franco, em 2018. "Havia um consenso na cidade e na imprensa de que ele era um jogador peladeiro, mas percebi que tinha muita habilidade", conta Franco. "Peguei o time em penúltimo na Série B, e o acerto da equipe passou pela utilização do Michael, quando o coloquei como titular. Ele foi determinante para o retorno do Goiás à primeira divisão. Começou a temporada no banco e terminou como titular absoluto." Em 2019, estourou, com nove gols no Brasileirão, entre eles uma obra-prima inesquecível, o golaço contra o Internacional, driblando meia defesa colorada — lance que, por si só, faz com que os dirigentes flamenguistas tenham certeza do bom investimento (33 milhões de reais). Se vai dar certo, no furacão de um dos grandes clubes do Brasil, no cotidiano agitado e fascinante do Rio, é outra história. Mas quem o conhece acha que não tem erro. "Quando todos duvidam, ele ganha forças e vai", diz Carvalho, o descobridor do garoto levado, alto-astral, apesar de tudo. Peladeiro? Coisa do passado. Mas, antes, Michael terá de pôr Bruno Henrique no banco, o que, convenhamos, hoje é missão complicada. Ele ri do desafio.

ALEX PANTLING/GETTY IMAGES

Protesto durante uma partida entre o Crystal Palace e o Arsenal no Selhurst Park, em Londres: "Acabe com o VAR agora"

PARA TUDO TERMINAR EM CHORO

O VAR ESTÁ A SERVIÇO DA HONESTIDADE — E HONESTIDADE NÃO SE DISCUTE. MAS ELE MUDOU O TEMPO DO FUTEBOL, CRIANDO UM INFINDÁVEL E ESTRANHO HIATO ENTRE O GOL E A CELEBRAÇÃO DEFINITIVA

Fábio Altman

Lá atrás, na pré-história, dizia-se que o VAR nunca seria realmente aplicado no futebol — o esporte que, supostamente, pressupõe o erro, combustível para a conversa apaixonada de bar no dia seguinte, a distribuição de memes, a reclamação infinita enquanto dure. Uma decisão irretocável, sem apelo? Ora, era coisa para modalidades menos espontâneas, mais certinhas, como o tênis; ou exageradamente violentas, como o futebol americano. No basquete, a correção por vídeo é até bem-vinda — são tantos pontos durante uma partida que um par deles subtraído aqui, outro ali, não haveria de fazer diferença. Mas no futebol? Esse foi o embate de origem, quando ainda se apostava na extinção da novidade eletrônica, na impossibilidade de oferecer ao juiz de campo a ajuda de uma coleção de telas. O VAR, hoje, é incontornável — está aí, e muito dificilmente arredará pé. Trata-se, portanto, de mudar o ritmo da prosa em torno do fato consumado e fazer outra pergunta: que efeitos ele provocará — se é que já não provocou — dentro e fora dos gramados, nas arquibancadas e diante dos aparelhos de televisão e computadores?

A resposta: o VAR revolucionou o futebol, chacoalhou os humores. Muita gente acreditava que o árbitro de vídeo seria a definitiva ferramenta de honestidade, e a partir dela nunca mais um apito desafinado seria desafiado. Mas não. O VAR só fez aumentar a gritaria — "isso não", "isso sim", "depois de rever 1 milhão de vezes, aí fica fácil". O VAR fez brotar uma

curiosa reação inesperada: se a ideia original era limpar a barra dos juízes, deu errado, porque agora há muito mais gente com carradas de razão xingando a mãe deles. Diz-se, "o VAR errou", mas o que se deseja mesmo é disparar um par de palavrões contra os homens e mulheres de amarelo, preto etc. E, no entanto, parafraseando Winston Churchill a respeito da democracia, o VAR é a pior solução, à exceção de todas as outras.

Críticos como o jornalista inglês John Carlin dizem que "o melhor que se pode dizer do VAR é que ele não funciona". Não é verdade. Funciona. Um levantamento minucioso feito em torno do uso do VAR durante o Brasileirão de 2019, divulgado recentemente pela Comissão de Árbitros da CBF, mostrou que, antes dele, o índice de acerto nas situações de pênaltis, depois de rigorosa revisão de replays, era de 66%. Com o VAR, o índice de acerto foi a 95,50% — o.k., mesmo depois de tanta verificação, sempre haverá uma pontinha de dúvida. Não é o caso do impedimento, geometricamente mais fácil de discernir, por trabalhar com linhas retas. Sem o VAR, as decisões corretas de impedimento iam a 87,5%. Com o VAR, chegaram a 94%. É bobagem, portanto, sair levantando bandeiras contra a tecnologia no futebol — até porque ela foi introduzida com uma argumentação irrefutável, que dá as mãos para um permanente anseio humano, demasiadamente humano, embora raramente alcançado — o da justiça plena, límpida, perfeita.

E, no entanto, em um aspecto o VAR estragou o futebol. Ele mexeu com o tempo entre o gol, o ápice e motivo de qualquer partida, e a celebração imediata. Um dos segredos indeléveis do esporte mais popular do mundo é esse — a festa sem espera, zás-trás. Os jogadores se abraçam ao estufar a rede, a torcida entra em comunhão, nos lares dá-se o antídoto contra o cotidiano amargo (e como tem sido duro no Brasil). E, depois de um tempinho que parece um tempão, o lance é anulado. Ahhhhh... Para John Carlin, é como um *coitus interruptus*, e piorado. É a alegria abortada. Na Copa do Mundo de 2018, as decisões do VAR saíam, em média, depois de 55 segundos. Na Liga dos Campeões da Europa vão a 1min30s. No Brasileirão de 2019 chegaram a 1min34s — e, no entanto, na Copa América subiram para 2min35s. É tempo demais. O VAR mudou o tempo do futebol. Resta saber se nos acostumaremos a esse novo ritmo — ou se, com o aprendizado, com novos recursos tecnológicos e árbitros mais bem treinados, o hiato entre o apito e o olhar eletrônico cairá a quase zero. É improvável que ocorra tão cedo. Enquanto isso, o jeito é cair na real, porque o futebol já é outro. Quem não acreditar que chame o VAR.

Com colaboração de Danilo Monteiro

ADAM PRETTY/FIFA/GETTY IMAGES

Juiz revê lance durante a Copa de 2018: agora muito mais gente xinga o árbitro

O RELÓGIO DA DECISÃO

O árbitro de vídeo já não é tão lento no Brasil

COPA DO MUNDO 2018
55s

LIGA DOS CAMPEÕES UEFA 2018-2019
1min30s

BRASILEIRÃO 2019
1min34s

COPA AMÉRICA 2019
2min35s

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

OLYCOM - BEVILACQUA G.

O gol de mão, em 1986: "Foi como se batesse a carteira dos ingleses"

A VILA, O OLIMPO E O INFERNO

NA BOCA DE COMPLETAR 60 ANOS E RETRATADO EM NOVO DOCUMENTÁRIO, MARADONA VIVE COMO JOGOU PORQUE JOGOU COMO VIVE, INTEIRO E NO MÁXIMO: A GLÓRIA, O INFORTÚNIO, A BELEZA E A TRAGÉDIA. POR ISSO AMAMOS ODIÁ-LO, ODIAMOS AMÁ-LO E AMAMOS AMÁ-LO. MARADONA SOMOS NÓS

Christian Carvalho Cruz

Maradona está morto. Na verdade, nunca viveu. Esse senhor baixinho e meio cocho que anda por aí na boca dos 60 anos, e também aquele gigante canhoto que bailou nos campos do mundo, é uma metáfora. Do futebol, do esporte, dos argentinos (eles acham que só deles), dos deuses opulentos e os pobres-diabos, dos heróis, dos pecadores, de nós mesmos. Um paradoxo infinito, a ambivalência em tempo integral, nem isso, tampouco aquilo, tudo. São muitos Maradonas, todos num único. Maradona é Ahab, Moby Dick, Otelo, Iago, Judas, Jesus, Quixote, Sancho, Samsa, a barata. A barata! Maradona é Heitor, Aquiles, João Grilo e a Compadecida. Daí que Maradona não cabe. E, se não cabe, não existe. Andy Warhol tentou fazer com que coubessem outros como ele. Estão lá Elvis, Marilyn e Ali na parede: fantasmas saltando daquelas multicores e multicamadas para azucrinar nossas certezas, acossar nossos sonhos, enlevar nossas lembranças, desmesurar nossos medos. Maradona é a melhor serigrafia de Warhol, porque nunca feita. A realidade irreal. Uma ideia. Uma ficção.

FOTOS JUHA TAMMINEN

O gol do século, contra a Inglaterra, depois de driblar meio time adversário: talento individual, exagero e arrogância

Maradona é.
Somos.

Tentam delimitá-lo. Em dois, Diego + Maradona, ou até em quatro: Diego + Maradona + o de dentro do campo + o de fora. Picotando-o, esperam entendê-lo. Mas não se olha Maradona empiricamente, senão com a intuição. Não há equação que o explique, senão a poesia. Jorge Valdano, seu companheiro na seleção de 1986, uma vez definiu bem a necessidade de deixar Maradona inteiro: não se aparta Maradona nem mesmo da bola, porque para ele, ao contrário dos outros, a bola não é algo a ser dominado, já que mero prolongamento de seu corpo. Não se aparta Maradona também do campo, sob o risco de a grama morrer de tristeza, como mostra, num rasgo de realismo fantástico, a minissérie *Maradona no México,* da Netflix, que narra seus dias como treinador do Dorados de Sinaloa em 2018 e 2019. Portanto, retalhar e encaixotar Maradona no máximo abranda o nosso tormento de amar odiá-lo, odiar amá-lo ou, a melhor opção, amar amá-lo. "Maradona daria mais um romance do que um conto. Assim o narrador poderia compartilhar suas perplexidades com ele ou abordá-lo a partir da rejeição", anotou um dia o escritor Adolfo Bioy Casares. Restamos, pois, com seus pedaços. Migalhas esparsas que saciam a fome mais imediata. Elas estão voando com o vento.

No recente documentário *Diego Maradona,* de Asif Kapadia, que se concentra nos tempos de glória e queda no Napoli, de 1984 a 1991, há boas dessas migalhas. A primeira, jogada por seu antigo preparador físico, Fernando Signorini: "Eu aprendi que um era Diego e o outro era Maradona. Diego era um menino cheio de inseguranças, um garoto maravilhoso. Maradona é um personagem que ele teve de inventar para enfrentar as exigências do negócio do futebol e da mídia. Maradona não podia permitir nenhuma fraqueza. Um dia eu lhe disse: 'Com Diego eu iria até o fim do mundo, mas com Maradona não daria um passo'. E ele me respondeu: 'Sim, mas se não fosse por Maradona eu ainda estaria em Villa Fiorito'".

ALFREDO TEDESCHI/REUTERS

Com Che Guevara no braço direito: sem jamais fugir das questões políticas

Maradona não se seria se tivesse nascido na Recoleta, em Palermo, San Telmo ou mesmo em La Boca, qualquer lugar fora dessa favela miserável de esgotos a céu aberto da Grande Buenos Aires. Não há luta de classes aqui, ainda não. São seus desejos mais profundos roncando como um motor. "A verdade é que eu fui jogar futebol pensando em comprar uma casa para meus velhos e nunca mais voltar a Villa Fiorito", ele diz, em off, no filme. O casebre com teto de lata e cômodos separados por cortinas de Villa Fiorito é o lugar de onde Maradona sempre quis sair e ao mesmo tempo o qual ele nunca permitiu que saísse de dentro dele. Calle Azamor, 523. Ninguém nasce impunemente num endereço com amor e 10 no nome. Azamor, 5+2+3.

A outra migalha de Kapadia é tratar as quartas de final da Copa de 86, no México, como a definição total de Maradona. Aquele jogo contra a Inglaterra, com um gol de mão e o outro driblando meio time adversário, seria a representação mais completa e precisa que se pode alcançar dele. Como se os dois lances cravassem as letras de seu epitáfio: "Maradona, trapaceiro e genial".

Escorado no fato de viver na cidade com a maior taxa de psicólogos por habitante do mundo, algum portenho dirá que o Maradona de 22 de junho de 1986 no Estádio Azteca é o arquétipo da nação argentina. Que ali, em duas pinceladas, ele pintou o retrato mais eloquente e definitivo de seu povo. Numa delas, a mais sutil, estava a transgressão delicada, sofisticada, quase de *foulard* e, diante da repreensão dos puros, beata: *"Fue la*

mano de Dios". Na outra, a mais carregada de tinta, uma exaltação do talento individual, do exagero, de certa arrogância. O poder do homem que, de posse apenas de seu corpo, empreende feitos extraordinários só porque disseram que não podia. Juntas, as duas pinceladas formam uma espécie de *magnum opus* do Rio da Prata. E são desprovidas de vaidade, claro.

Mas fora do pampa, onde mais ninguém se suicida pulando de cima do próprio ego, não nos custa tomar a obra de arte de Maradona — e ele mesmo, seu jogo, sua vida — como uma redenção maior, latino-americana. "O clamor do oprimido expressando uma retumbante vocação emancipadora. Um grito libertário apelando a uma ação subversiva contundente", escreveu Gustavo Bernstein em *Maradona — Iconografía de la Patria*. O opressor, no caso e na história, a potência colonizadora, exploradora, saqueadora, símbolo e signo de todos os nossos males, amém.

Entre os dois gols, Maradona gosta mais do de mão. "Foi como se batesse a carteira dos ingleses." Mas é o segundo, imaculado, celestial, que preferimos cultuar, crentes carentes caretas que somos. Esse, porém, seu autor diminui. "Se Fenwick tivesse me largado, eu conseguiria passar a bola a Valdano, que estava sozinho na frente de Shilton", ele relembrou, lance por lance, em sua autobiografia *Yo Soy el Diego*. Mas Fenwick, zagueiro inglês, resistiu. Maradona foi obrigado a driblá-lo também e a continuar de peito estufado até o gol. Mais tarde, no vestiário, ele contou a Valdano que o viu correndo livre durante a jogada inteira, só que não teve como lhe tocar a bola. "Você marcou esse gol e estava me vendo? Você me ofende, me humilha, não é possível!", espantou-se o camisa 11.

A história está cheia de gols inesquecíveis, tantos que mal conseguimos lembrar. Mas, ao contrário desse de Maradona — e do de Pelé contra o Uruguai em 70, depois de desnortear o goleiro Mazurkiewicz (sim, aquilo foi um gol; a bola chutada para fora, um capricho) —, nenhum outro melhora com o passar do tempo. "Ainda acordo suado à noite, tendo pesadelos", confessou o volante inglês Peter Reid, aturdido vinte anos depois. "Tive vontade de parar e aplaudir Maradona." Quanto mais vemos o segundo gol contra a Inglaterra, mais gostamos dele — dele, o gol; dele, Maradona, você pode escolher. Por quê? Questão de caráter. Impossível assistir a ele sem um sorriso na cara. É um gol que nos extravasa e nos impõe certas condições. Quem já o viu não pode ir ao botequim e, sentado atrás de um copo até aqui de mágoas, lamentar que nunca foi feliz nesta vida.

Na infância *(no círculo)*, no time do bairro pobre em que nasceu: "Fui jogar futebol para nunca mais voltar a Villa Fiorito"

O filme de Kapadia tem o mérito de nos permitir sorrir chorando, mesmo sóbrios. Não há outra coisa a fazer desde o rodopio inicial de Maradona, ainda no campo de defesa, narrado por Victor Hugo Morales, um gênio uruguaio que, pelo rádio, transformou a partida em milonga. "Desculpem, eu quero chorar. *¡Dios santo!* Vida longa ao futebol", ele vai enfileirando depois do grito de gol. "Diego Armando Maradona! De que planeta você veio para deixar pelo caminho tantos ingleses? Para que o país seja um punho cerrado gritando pela Argentina? *Gracias, Dios. Gracias por el fútbol, por Maradona, por esas lágrimas."* É nessa hora que enxugamos os olhos e pensamos: pobre de quem nunca esteve numa arquibancada girando a camiseta sobre a cabeça e cantando "Olê, olê, olê, olê! Dieego, Dieego!".

Sobra-nos, e não é pouco, assistir ao próprio Maradona entoando esse cântico em outro documentário, *Maradona por Kusturica,* de 2008. Melhor que o de Kapadia, porque menos linear, menos comportado, mais poético, inteiro, mais Maradona — assim como seu diretor, o guitarrista, cineasta e porra-louca sérvio Emir Kusturica. São dois iconoclastas conversando sobre o que faz a humanidade caminhar: morte, sexo e Deus, incluindo aí as subdivisões futebol, dinheiro e política. O filme de Kusturica tem muita política. E Maradona não dribla pergunta nenhuma. "Quando nasceu esse seu senso de justiça?", quer saber o diretor. A resposta sem firula: "Depois de ler Che Guevara, sobre Cuba, ver o mundo".

Segundo Kusturica, se não jogasse bola o menino da Villa Fiorito teria dado um grande revolucionário. Quem? O Maradona dos casacos de pele? Que sacrilégio. Os reaças de plantão, com sua arrogância senhorial, vibram: "Olha lá o Maradona de Che tatuado no braço, Fidel na perna, consultando as horas em seu Rolex para ir de Mustang tomar Romanée-Conti em Puerto Madero". Os comunistas, por sua vez, bufam: "Esqueceu de onde saiu? Abandonou os da sua classe? Um narcisista conspurcando o altruísmo de Che". E então, suave como um doce de leite, a maldita polarização encontra um fim. Todos concordam que Maradona é um hipócrita, um lúmpen e o ópio do povo.

PEDRO MARTINELLI

Em 1990, depois de a Argentina eliminar o Brasil na Copa: *Caçador de Mim*

Que tolice.

O.k., Maradona não tem um plano de luta, não se interessa por ações políticas, sente ojeriza pela burocracia partidária. No máximo diz que se mudou para Dubai (Dubai!) em autoexílio político para protestar contra o governo neoliberal de Macri. Mas não, *cabrones!* Não neguem a Maradona a única doutrina pela qual ele sabe viver e jogar: a rebeldia, o inconformismo, a subversão, o rechaço a qualquer tentativa de domesticação.

Deixem-no exaltar a figura do compatriota que, empunhando revolta, coragem e um fuzil velho, chapelou os poderosos. Maradona podia tatuar São Miguel, David (o do Golias) ou Robin Hood. Só que nenhum deles jogou bola nem era argentino. Che sim. Por isso a sua relação com Guevara é simples, carinhosa e até indulgente, pois autorreferencial.

Além do mais, queriam o quê? Que o *cabecita* negra das franjas da América Latina rompesse com os sistemas mais duros e inclementes dentro do campo, mas fora dele abraçasse o establishment como Cristiano Ronaldo e Neymar (bem, deixemos Pelé de fora disso)? Sim. Queriam ligar a TV na hora do jogo para se arrepiar com um Dionísio transgressor, inebriante e louco, mas que na hora do telejornal ele já estivesse vestido de Apolo: lindo, recatado e do lar. Maradona é os dois. Ora aquele, ora este, e muitas vezes ambos ao mesmo tempo. E uma porção de outros. Todos somos, ou deveríamos ser. A diferença, e o que o torna Maradona, é que ele não esconde nem se esconde. Seus diversos Maradonas estão na praça. Assim, como anotou Gustavo Berstein, a esquizofrenia que seus detratores esperam dele "não é mais do que uma projeção de suas próprias misérias: o que aplaudiam em campo lhe censuram na vida".

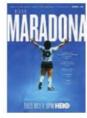
Não deixa de ser com a mesma soberba, encharcada de moral cristã, que falam do vício de Maradona em cocaína. Kapadia e Kusturica não julgam. Kapadia trata jornalisticamente: a máfia napolitana, os dopings, o abismo — fatos. Kusturica trata maradonianamente: "Emir, sabe que jogador eu teria sido se não tivesse tomado cocaína? Que jogador nós perdemos!", fala Maradona, de mãos em prece. E continua: "As pessoas poderão dizer que eu estou bem. Ou que estou melhor. Ou que estou melhor que ontem. Mas ninguém está dentro de mim". E então ele conclui com uma frase que, em castelhano de Villa Fiorito, soa deliciosamente imprecisa a ouvidos ruins como os meus. Ele diz: *"Yo sé la culpa que tengo".* Mas ouvimos, queremos ouvir: *"Yo soy la culpa que tengo".* E então não é mais Maradona sentado ali. É Caravaggio, o gênio que matou um homem e transformou a tragédia e sua penitência na pintura mais intensa e espetacular da história.

PARA VER E REVER

Maradona, por Kusturica

Filme de 2008, disponível em DVD e no YouTube (em inglês)

Maradona no México

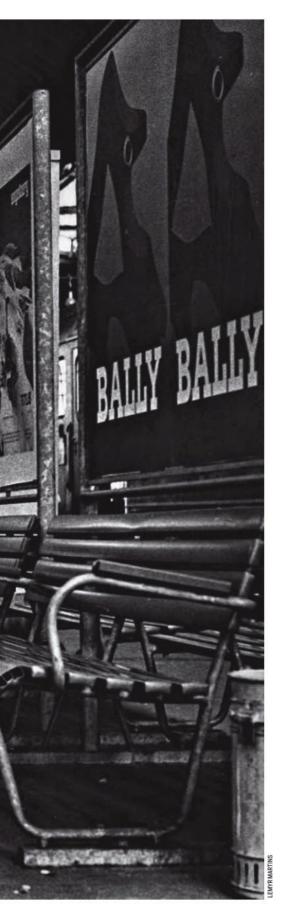
Lançado em 2019, são sete episódios pendurados na Netflix

Diego Maradona

De 2019, dirigido por Asif Kapadia (de *Senna*, 2010), pode ser visto no Sky Play

E, enfim, chegamos a Messi, o que mais se aproximou de vestir a 10 da Argentina sem que sobrasse demais na largura e no comprimento. Messi está mais perto de Maradona do que do terceiro colocado, Riquelme. Mas, se a camisa lhe caiu bem, a alma do antigo proprietário não foi junto. Nas imediações da Bombonera, ela triscou em Riquelme, mas logo deixou aquele corpo que não lhe pertencia. Em Messi, o catalão de Rosário, nem isso.

Arrisco duas explicações. E não vou ligar para estatísticas que "provam" que Messi é melhor que Maradona. Desculpem, mas levem essa masturbação pra lá. Eu me concentro de novo na poesia, porque o futebol merece. E também numa revelação que não estará em documentário nenhum. Por contá-la é provável que Maradona me mande chupar *una pica.* Mas lá vai, Bioy Casares me autoriza: Maradona jamais poderia transferir sua alma a Messi porque não é argentino, é brasileiro. E qualquer um sabe que no futebol os espíritos só baixam em cavalos da mesma nacionalidade. Edmundo, por exemplo, é Heleno de Freitas. Pagão, do Santos, voltou Roberto Firmino. E Jorge Mendonça continua aquecendo para reencarnar.

Mas retomemos. Como um Alfredo Le Pera que saiu do Bixiga para compor os tangos mais famosos de Gardel, Diego Armando Maradona é mineiro de Três Pontas. Morto-metáfora que sempre esteve, jamais reencarnaria em um craque de nosso maior rival. As provas estão na canção *Caçador de Mim,* que Milton Nascimento canta para ele. Você pode acreditar ou não. É uma escolha. Mas eu tento lhe explicar de outro jeito. Messi joga futebol por diversão, como se estivesse num carrossel de cores pastel e cavalinhos idílicos. Maradona joga por raiva ("Todo domingo é dia de revanche", disse uma vez) e por amor. E a raiva e o amor doem.

BASEL SBB
TELEP
8 GLEIS 7
City Hote

LEMYR MARTINS

AQUELE SENHOR DE PALETÓ XADREZ E GRAVATA PRATEADA

O DIA EM QUE UM DOS GRANDES NOMES DO FUTEBOL MUNDIAL APARECEU SOLITÁRIO NUMA ESTAÇÃO DE TREM EM BASILEIA, NA SUÍÇA

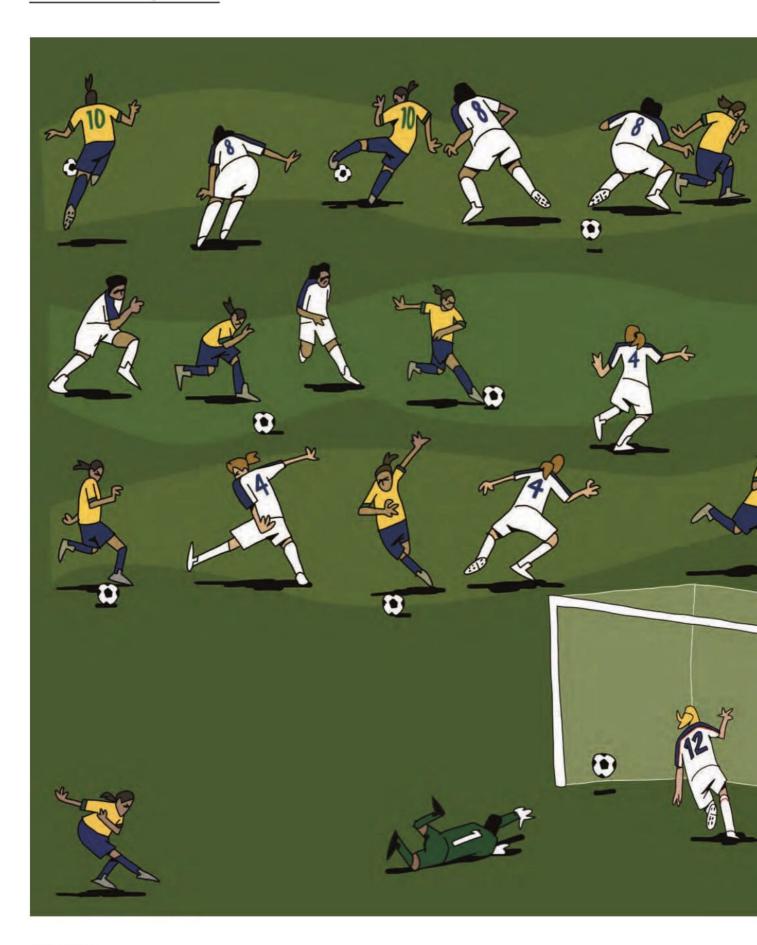
Lemyr Martins escrevia e, principalmente, fotografava como um craque. Catarinense da cidade de Mafra, já tinha passado pelas redações de *Última Hora*, *Zero Hora*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde* quando se juntou, nos primeiros meses de 1970, à equipe que lançou PLACAR. Cobriu a Copa do México, e por meio de suas lentes o mundo viu e reviu Pelé socando o ar, Tostão, Gérson e todo o espetáculo da seleção do tri. Por décadas, acompanhou a Fórmula 1, viajando quase no volante ao lado de Emerson Fittipaldi, Nelson Piquet e Ayrton Senna.

Em 9 de setembro de 1971, Lemyr estava no estádio St. Jakob, em Basileia, na Suíça, enviado para cobrir um jogo em homenagem a *sir* Stanley Matthews, dez anos depois da despedida do grande ponta-direita, capitão do English Team e do Stoke City, que pendurara as chuteiras com longevos e inéditos 46 anos. Mais de 58 000 pessoas acompanharam a festa, uma partida entre combinados de craques da Europa.

No dia seguinte, logo cedo, Lemyr, incansável, chegou à estação ferroviária local, a caminho da próxima pauta — e deu de cara com Matthews, como se fora um cidadão qualquer, um plebeu. O próprio Lemyr descreveria a cena quando a fotografia foi publicada pela primeira vez: "Um homem alto, magro, vestindo paletó xadrez, gravata prateada, de nó grande e tradicional, sobe os degraus da Gare 8, da Estação Ferroviária de Basileia, Suíça. Anda os 150 metros da plataforma deserta e senta-se num banco. São 6h30, e seu trem só sairá às 8h25. O homem abre um livro de filosofia, cruza as pernas, tira os óculos escuros e, antes de começar a ler, olha o operário que limpa o vidro das janelas de um trem. Ninguém reconhecerá naquele velho simpático *sir* Stanley Matthews, cavaleiro da Corte inglesa desde 1965, agraciado com a Ordem do Império Britânico, nobre da coroa e do futebol".

Lemyr, é claro, o reconheceu. Na reportagem, conta que hesitou em falar com o grande jogador. "Pensei duas vezes antes de abordá-lo, mas fui recebido com alegria." Identificou-se como jornalista, puxou conversa e pediu para fotografá-lo. A imagem de uma lenda da bola, sozinho na estação numa manhã do fim do verão europeu, revela a humanidade do craque, num tempo (quase) sem barreiras entre os ídolos e seus súditos.

***Sir* Stanley Matthews na gare de número 8, depois de um jogo em sua homenagem: cavaleiro da Corte inglesa pelas lentes de Lemyr Martins**

ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO

"NÃO HÁ PALAVRAS PARA DESCREVER"

LUCIANO DO VALLE FICOU INCRÉDULO E DEPOIS ESCANDALOSAMENTE ANIMADO AO NARRAR O GOL DE MARTA NA GOLEADA CONTRA OS ESTADOS UNIDOS, PELA SEMIFINAL DA COPA DO MUNDO DE 2007, DISPUTADA NA CHINA

Eleita a melhor jogadora do mundo por seis vezes (cinco delas consecutivas). A maior artilheira da seleção brasileira, com 110 gols até hoje (Pelé, o maior entre os homens, balançou as redes em 95 ocasiões, das quais 77 em jogos oficiais). E, também, a maior artilheira da história das Copas do Mundo da Fifa, com dezessete gols (o alemão Miroslav Klose vem logo atrás, com dezesseis). A única atleta, entre homens e mulheres, a marcar gol em cinco Mundiais: 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019. Marta Vieira da Silva, a Rainha Marta.

Entre tantos lances maravilhosos, dentro e fora dos campos (ela recusou as ofertas de patrocínio de fornecedores de material esportivo por considerar que os valores propostos eram muito aquém do seu talento e da sua popularidade), um deles se imortalizou na retina dos amantes da bola. Em 27 de setembro de 2007, o Brasil fazia a semifinal da Copa com os Estados Unidos, na China. As americanas estavam invictas havia 51 partidas. Mas foi um massacre verde-amarelo. Com vinte minutos de bola rolando, Osborne marcou contra. Sete minutos depois, Marta fez o primeiro gol dela. No segundo tempo, Cristiane ampliou aos dez e acabou com as esperanças das campeãs olímpicas. O melhor ainda estava por vir. Na TV Bandeirantes, Luciano do Valle dizia: "O Brasil coloca na roda o time americano". Pelo lado esquerdo do campo, Marta recebeu a bola a 2 metros da quina da grande área. Marcada por trás, não teve dúvida: deu um leve toque, um drible da vaca ao contrário, e saiu pelo outro lado de Ellertson, completando a meia-lua dentro da área. Outra zagueira veio no combate e foi driblada para dentro. Daí, foi só ajeitar o corpo e bater forte, rasteiro, de direita. A goleira Scurry ainda tocou na bola, que passou por baixo dela antes de morrer na rede. Foram apenas quatro toques na bola, sutis: 4 x 0. "Não há palavras pra descrever o gol de Marta", gritou Luciano. "Gol de gênio."

A seleção perderia a final para a Alemanha por 2 a 0. Marta, que havia feito três gols no Mundial disputado nos EUA em 2003, terminou o torneio como a artilheira da Copa chinesa, com sete, incluindo essa pintura, eternizada no YouTube. Na Alemanha, em 2011, anotou quatro. Em 2015, no Canadá, fez um. E, no ano passado, na França, outros dois. A alagoana de Dois Riachos, hoje no Orlando Pride, dos Estados Unidos, estreou no CSA, passou pelo Vasco e pelo Santa Cruz, de Minas Gerais, até se transferir para o Umea IK, da Suécia, quando começou a despontar globalmente. Se o futebol feminino vive seu melhor momento no Brasil, boa parte das conquistas deve ser atribuída a Marta. A Série A do campeonato nacional teve início em 8 de fevereiro com dezesseis times. Marta ajudou (e muito) a tornar realidade o que era ilusão.

Alexandre Senechal

DERROTA DOÍDA

A SELEÇÃO DE 1982 PERDEU A COPA, MAS É O CASO DE PERGUNTAR: E DAÍ?

O garoto chorando na tarde de 5 de julho de 1982, no estádio Sarriá, em Barcelona, vestindo a camisa da seleção brasileira, foi fisgado pelo olhar do fotógrafo Reginaldo Manente e virou capa do *Jornal da Tarde*, de São Paulo. É o registro mais lembrado daquele inverno brasileiro, traduzido em lágrimas. Um time mágico, de toques rápidos, o escrete de Falcão, Junior, Sócrates e Zico, personagens intocáveis do futebol-arte em sua essência, fora derrotado pelo pragmatismo e pelo suor italianos. "Que pena", estamparia PLACAR na revista que circularia depois daquela jornada. A seleção da "abertura", enlevada pelos ares de recuperação lenta e gradual da política, nos últimos anos do governo do general João Figueiredo, talvez tenha pecado justamente pelo que a fez inesquecível: a sanha do ataque, a beleza pela beleza. Era a filosofia do treinador Telê Santana, que não teve dúvida de levar a campo o que tinha de melhor, numa escalação sem medo — e sem ponta-direita. Para muita gente, a desclassificação brasileira em 1982 foi mais chocante que a derrota dos húngaros na final da Copa de 1954. Foi mais dolorosa que o vice-campeonato da Holanda, a Laranja Mecânica de Cruyff e cia., de 1974. Em outras palavras: aquele esquadrão canarinho perdeu, mas se tornou uma lenda. Felizmente, o YouTube guarda imagens das partidas daquela turma na Espanha — o 2 a 1 contra a União Soviética, o 4 a 1 contra a Escócia, o 4 a 0 na Nova Zelândia e o 3 a 1 na Argentina — até bater de frente com a crueza da Itália e culminar no pranto de um menino.

Silvio Nascimento

IGNACIO FERREIRA

O LEÃO RUGIU

Campeão com o Grêmio em 1981 e titular nas Copas de 1974 e 1978, **Leão** era nome quase certo na lista que embarcaria para a Espanha. Mas Telê preferiu chamar Waldir Peres como titular, e Paulo Sérgio e Carlos como reservas. Leão jamais se conformou. Anos depois, ele ironizaria, bem a seu estilo: "Copa do Mundo não era responsabilidade para mim? ".

RODOLPHO MACHADO

UM LUGAR PARA CEREZO

Em sua terceira Copa, Dirceu ficou apenas 45 minutos em campo, na estreia do Brasil contra a União Soviética, e foi substituído no intervalo por Paulo Isidoro. Dirceu — morto num acidente de carro em 1995 — jogou na vaga de **Toninho Cerezo,** que estava suspenso e seria titular nas outras quatro partidas na Copa da Espanha. O meia alto, de passadas longas, um tanto desleixado, era um dos vértices do quadrado mágico de Telê, junto com Falcão, Sócrates e Zico. Tornou-se técnico com razoável sucesso no Japão.

VOA, CANARINHO, VOA...

Pouco antes da Copa, Junior lançou um **disco compacto,** em uma época em que ainda existiam discos compactos, com os sambas *Voa Canarinho* (de Memeco e Nonô do Jacarezinho, no lado A) e *Pagode da Seleção* (de autoria de Junior e Alceu do Cavaquinho, lado B). Foram mais de 600 000 cópias vendidas, e *Voa...* virou símbolo daqueles tempos. Junior chegou a pensar em vida de sambista, fez shows, mas parou por aí. Tentou ser treinador, jogou futebol de areia, até se tornar comentarista de TV.

O time da estreia, contra a União Soviética. De pé, da esq. para a dir.: Waldir Peres, Oscar, Leandro, Falcão, Luizinho e Junior. Agachados: Dirceu, Sócrates, Serginho, Zico e Éder

FOTOS PEDRO MARTINELLI

RAMO DE CAFÉ

Com o desmembramento da Confederação Brasileira de Desportos, a CBF tomou vida a partir de 1979 e já nos seus primeiros anos adotou estratégias de marketing. Com patrocínio do Instituto Brasileiro do Café, o ramo da rubiácea esteve em várias partes da camisa amarela fornecida pela Topper, mas foi vetado na Copa. Contornou-se o problema: um **novo escudo** sob as estrelas de cada Mundial, com destaque para a Taça Jules Rimet, que trazia logo acima de sua base o bizarro ramo de café, garantia alguns milhões de dólares à Confederação. O patrocínio terminou em 1986, e a estatal foi extinta em 1990.

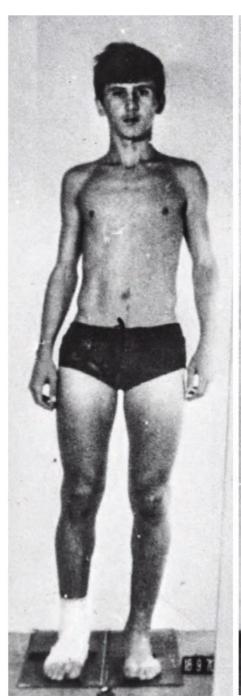
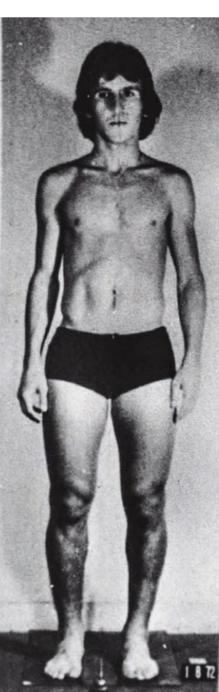
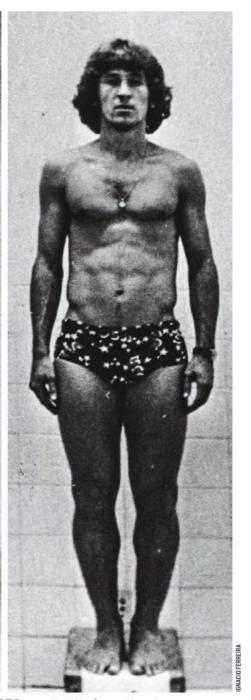
ERALDO MODESTO/TV GLOBO

"BOTA PONTA, TELÊ!"

Único brasileiro a figurar na lista dos cinquenta melhores técnicos da história da revista *France Football,* **Telê Santana** — na 35ª posição — encantou o planeta com uma seleção cheia de craques, com futebol moderno, ofensivo, de muito *fair play* e que enchia os olhos de todo amante do esporte. Para isso, abriu mão de um ponta raiz pela direita, mantendo apenas Éder na esquerda. Essa obsessão valeu a invenção de um bordão que não saiu da boca da torcida brasileira: um fanático **Zé da Galera,** criação de Jô Soares no programa *Viva o Gordo,* pedia em vários esquetes que o treinador usasse um jogador como nos bons tempos de Garrincha e Jairzinho. E lhe implorava, de um telefone público: "Bota ponta, Telê! Bota ponta!".

NOVES FORA

O atacante **Careca,** do Guarani, rápido e habilidoso, foi cortado quatro dias antes da estreia do Brasil na Copa. Sentiu um estiramento no músculo adutor da coxa esquerda. Roberto Dinamite foi chamado, mas ficou na reserva. O titular foi Serginho — que um ano depois, no São Paulo, daria lugar a Careca.

IGNACIO FERREIRA

A transformação física de Arthur Antunes Coimbra ao longo de sete anos, de 1971 a 1978: construção de um gigante

UM RAPAZ FRANZINO, DE CABELOS CAÍDOS NA TESTA

EM 1970, ZICO APARECEU EM **PLACAR** AINDA SEM NOME, NUMA PEQUENA REPORTAGEM A RESPEITO DA DESPEDIDA DE UM CRAQUE QUE SE APOSENTAVA. O RESTO É HISTÓRIA

Nesta seção, PLACAR lembrará das primeiras notícias, o princípio de tudo, de grandes personagens da história do futebol brasileiro já publicados nas páginas da revista

Junho de 1970. Na capa da edição 15 de PLACAR, Pelé segura a taça Jules Rimet cercado de torcedores. A chamada celebra, em letras maiúsculas e três exclamações: "O CANECO É DE VOCÊS! TRICAMPEÕES! TRICAMPEÕES!". Na "edição da vitória", que circulou logo depois da conquista do título no México, há uma página tímida, quase clandestina de tão escondida, com uma antologia de fatos ocorridos no Brasil naquela semana eclipsada pela terceira estrela obtida pela seleção brasileira. Num pequeno quadro, o personagem central é Carlinhos, camisa 5 do Flamengo, que estava se aposentando depois de quinze anos de dedicação ao clube da Gávea — volante classudo, de ótimo toque de bola, elegante, era conhecido como "mestre", "violino" e "professor". Mas nosso protagonista está atrás dele, na fotografia em preto e branco, citado apenas como um "rapaz franzino, de cabelos caídos na testa". Seu nome nem sequer é citado.

Também vestido com uma camisa rubro-negra, leva o número 10 nas costas e, nas mãos, uma chuteira do ídolo que deixava os campos — presente para o jovem atleta, então tratado como uma promessa de 17 anos, que em pouco tempo viraria Zico. Àquela altura, contudo, os repórteres e editores de PLACAR não tinham como ler o futuro, embora muitos já intuíssem o que aconteceria.

Ainda em 1970, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, voltaria a desfilar pelas páginas da revista, agora com apelido, mas sem o nome e sobrenome, numa reportagem sobre as categorias de base do Flamengo (e o trabalho dos olheiros Fleitas Solich, Jouber e Dida). Lia-se na lista de juvenis de qualidade inegável: "...o goleiro Cantarelli, os zagueiros Jaime e Rondinelli e os atacantes Zico, Fidélis, Paulo César e Dudu podem estourar a qualquer hora dessas". Em 29 de julho de 1971, Zico entraria em campo pela primeira vez no time principal — fato que rendeu uma nota em

A DESPEDIDA DO MESTRE

O rapaz franzino, de cabelos caídos na testa, deu sua última volta com o uniforme do Flamengo pelo Maracanã e parou em frente à arquibancada, de braços erguidos. Lá na torcida, um velho cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar: era a sua homenagem àquele môço com rosto de criança que durante quinze anos vestiu a camisa de seu clube, como dono do meio-campo: Carlinhos, ou Mestre, ou Violino, ou Professor — um estilista do futebol. Desde fevereiro de 1955 até a noite de entrega de faixas ao campeão da Taça Guanabara de 1970, êle deu o melhor de seu talento e de suas energias ao clube que defendeu desde os juvenis e ama desde a infância.

Um homem realizado?

— Realizado não digo. Seria o mesmo que ser acomodado, parar diante da vida. Mas estou tranqüilo e feliz, pois o Flamengo é como uma família para mim, minha segunda casa.

Carlinhos jogou na Seleção Brasileira, mas foi com a camisa do Flamengo que viveu os bons momentos de sua carreira.

— Mesmo que viva cem anos, não posso esquecer o 0 a 0 contra o Fluminense, em 63, quando fomos campeões. Foram noventa minutos de tensão e luta. A própria torcida, normalmente tão barulhenta, só conseguiu gritar no fim da partida, e aí foi um carnaval na cidade inteira. Outro jôgo muito grato para mim foi a goleada de 4 a 1 sôbre o Santos, lá em São Paulo, em 64. No jôgo anterior, no próprio Maracanã, havíamos perdido de 7 a 1 para o time de Pelé. O trôco foi bem dado.

Carlinhos formou o meio-campo do Flamengo com grandes jogadores: Gérson (que veio com êle dos juvenis e foi seu primeiro companheiro), Moacir, Liminha, Nelsinho. E manteve a tradição do Flamengo de ter grandes craques no meio-campo: foi um digno sucessor de Fausto, Volante, Modesto Bria, Dequinha.

Êle pára de jogar satisfeito: recebeu Cr$ 25 000,00 do clube e uma promessa de emprêgo. Embora jamais tivesse feito contratos milionários, não passará apertos: tem uma farmácia, apartamento no Leblon e automóvel. O futuro não o preocupa: êste ano termina o curso científico e depois vai fazer vestibular para a Escola Nacional de Educação Física. Mas tem uma queixa: a legislação atual não permite que o jogador se aposente depois de doze ou quinze anos de atividade profissional.

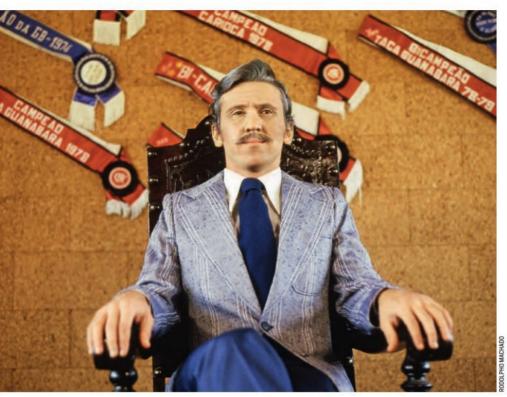
Filho de um funcionário público, torcedor do Botafogo, Carlinhos aprendeu a ser Flamengo em casa, com a mãe e os cinco irmãos. Tem passe livre, mas não admite jogar por outro clube:

— Eu me sentiria um traidor se vestisse outra camisa.

Carlinhos, 15 anos de amor pelo Flamengo, seu único time.

PLACAR 45

Deu na página 45 de PLACAR, então lançada semanalmente, às terças-feiras: carreira iniciada depois de receber a chuteira das mãos do volante Carlinhos, craque do Flamengo que deixava o futebol. A notícia foi registrada em um pequeno quadro, quase clandestino, da edição de junho de 1970, a da conquista do tricampeonato mundial da seleção de Pelé e companhia no México

RODOLPHO MACHADO

Perto do fim da carreira do camisa 10, PLACAR tentou imaginar, numa sessão fotográfica exclusiva, como ele seria na maturidade, um senhor afastado da bola

A estreia na capa, em setembro de 1971, numa reportagem destinada a revelar os problemas do Flamengo, de acordo com seu presidente

PLACAR sob o título "Zico já é o bom". A estreia foi comedida, mas eficiente. De seus pés saiu a jogada que resultou no gol de Fio, sacudindo a torcida com emoção. O Flamengo venceu o Vasco por 2 a 1. "Zico simplifica todas as jogadas: toca de primeira e procura os espaços vazios para receber os passes. Não tem medo de jogo bruto e está sempre na área. Fora de dúvida, a posição é sua."

Na época, porém, o rubro-negro estava em crise e PLACAR publicou uma charge em que Papai Noel ironizava os pedidos dos torcedores para que o clube conquistasse um título.

Fleitas Solich tinha fama de bom olheiro, descobridor de futuros jogadores de seleção. Em 1970, ele viu Zico na Gávea e não teve nenhuma dúvida

Assim, em setembro de 1971, a revista destacou na capa uma entrevista com o presidente da agremiação: "Richer abre o jogo — O Mengo não tem time". Na foto, adivinhe, aparece Zico, sozinho, concentrado numa cena do jogo, sem que se veja a bola. No texto, André Gustavo Richer, que cumpria seu segundo mandato como presidente do Clube de Regatas Flamengo, afirma que o time não está à altura de suas tradições e grandezas, mas garante que há esperança. O repórter pergunta se há jogadores jovens que possam ser aproveitados proximamente no time titular. "Tem sim. Na Gávea e emprestados a clubes de outros estados. Posso citar, como os mais conhecidos, Fred, Aluísio, Chiquinho e Zico."

Naquele ano de 1971, o Galinho de Quintino fez oito partidas pela seleção brasileira juvenil e marcou um gol na vitória por 1 a 0 sobre a Argentina. No time principal do Flamengo, fez dois gols no segundo semestre. Em 1972, jogou mais pelo time juvenil do que pelo profissional, mas no ano seguinte atuou na maioria das partidas e anotou treze gols. Em 1974, tornou-se titular absoluto e ganhou a camisa 10. O resto é história, emoldurada por 108 capas de PLACAR, cinco Bolas de Prata (1975, 1977, 1980, 1982 e 1987) e duas de Ouro (1974 e 1982), além de um título de Craque do Ano, em 1981, ano em que o Flamengo ganhou sua primeira Libertadores e seu primeiro Mundial de Clubes. Pela seleção e pelos times Flamengo, Udinese e Kashima Antlers, Zico marcou 729 gols em 1 046 partidas. O rapaz franzino, de cabelos caídos na testa, foi longe.

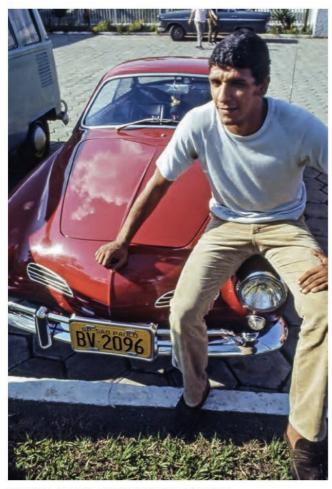
MEU CARANGO É PAPO FIRME!

UM TREINO DO TIMÃO "É UM VERDADEIRO DESFILE DE MÁQUINAS DE RACHAR", ESCREVEU **PLACAR** NOS ANOS 1970. SAIBA COMO ERAM OS POSSANTES COMPRADOS GRAÇAS AOS BICHOS

PLACAR recuperará reportagens antigas que ajudaram a construir a história da revista — revisitadas aos olhos de hoje, para que sejam entendidas em seus contextos originais. Nesta edição, recorda-se o espanto causado a torcedores e jornalistas pelo "luxo" dos carros utilizados pelos jogadores do Corinthians em 1971.

Jogadores do Corinthians e seus carrões em frente ao Parque São Jorge: frota especialmente exposta para as lentes de PLACAR

"O desfile começa meia hora antes do treino: carros de linhas modernas, de cores variadas, muito bem cuidados. Os carros são a alegria dos jogadores do Corinthians, que têm por eles verdadeira paixão." Assim começava a reportagem, publicada em 22 de janeiro de 1971, sobre os bólidos dos craques alvinegros. "Os carros variam, mas em todos um acessório é comum: toca-fitas."

Há muitos anos boleiros e carros formam uma dupla inseparável. Atualmente, a Audi, por exemplo, patrocina o Real Madrid e dá a cada atleta um de seus modelos — em troca, eles precisam ir a todos os treinos com o singelo mimo e, assim, expor a marca. E, é claro, muitos craques têm pequenas coleções na garagem: Mercedes, Ferraris, Lamborghinis e outros sonhos de consumo.

DIRCEU ALVES, KARMANN-GHIA CEREJA

O modelo fez sucesso nos anos 1970 e era considerado um dos carros mais potentes produzidos no Brasil; já a cor, que esteve na moda durante algum tempo, simplesmente saiu de linha, para tristeza de muitos saudosistas. O volante garantia ser um motorista cuidadoso

FOTOS LEMYR MARTINS

ADO, MALIBU MARROM METÁLICO

O goleiro corintiano era também o galã do time. "Passou as férias sendo perseguido pelas meninas nas praias do Paraná", escreveu PLACAR. "Eu tenho ciúme desse carro, não empresto a ninguém. Mas vou vendê-lo para acabar com as ondas que estão fazendo comigo"

Em 1970, quando PLACAR foi lançada, a seleção se preparava para a Copa do Mundo, que seria disputada no México. Em 21 de julho, dias após a conquista do tri, Paulo Maluf, então prefeito de São Paulo, presenteou jogadores e integrantes da comissão técnica com 25 Fuscas verde-musgo zero-quilômetro, comprados com dinheiro público. Processado por lesar os cofres da prefeitura sem beneficiar a cidade, Maluf foi condenado, mas recorreu diversas vezes até que, 36 anos depois (!!!), o Supremo Tribunal Federal o absolveu com a alegação de que a Câmara Municipal havia aprovado uma lei com esse objetivo e, portanto, o gasto era constitucional — para muitos, o episódio é lembrado como exemplo da morosidade da Justiça, da corrupção e da falta de ética na política (práticas em que avançamos muito pouco nestas últimas cinco décadas).

No texto de PLACAR sobre os atletas corintianos, fica clara a admiração pelos modelos mais luxuosos: Dodge Dart, Puma, Malibu e, claro, o Mustang de Roberto Rivellino ("Pelo qual pagou Cr$ 52.000, à vista"). Veem-se carros azuis, dourados e brancos — hoje praticamente só há prateados, pretos e vermelhos em circulação. Na época, São Paulo tinha perto de 6 milhões de habitantes (agora, são mais de 12 milhões). Em 1964, a produção total de automóveis no Brasil alcançou 183 721 unidades, para uma frota de aproximadamente 1 milhão de veículos (hoje existem mais de 9 milhões só na cidade de São Paulo).

RIVELLINO, MUSTANG AZUL

O maior craque tinha também o automóvel mais desejado. “Admiro uma Ferrari e uma corrida, mas não sou muito disso”, dizia o camisa 10. “Não sonho com outro carro e tão cedo não vou passar adiante esse Mustang.” Segundo a revista, “as pessoas param quando Rivellino chega”.

OSVALDO CUNHA,
KARMANN-GHIA BRANCO

Outro atleta considerado responsável e cauteloso pela revista, em 1971. “Não vejo como alguns possam pretender proibir jogador de comprar o carro que quiser”, dizia o então técnico corintiano e bicampeão mundial com a seleção, Aymoré Moreira

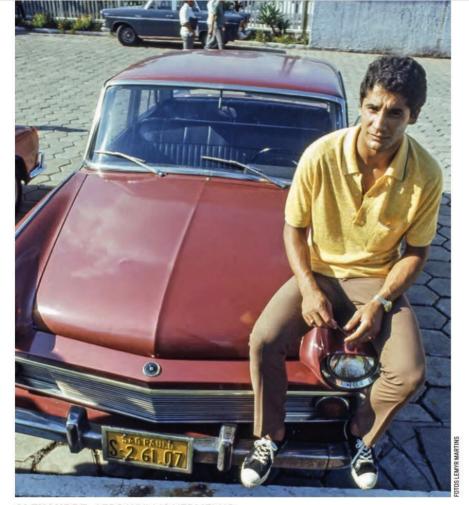
O MILAGRE DAS CORES

Em 1971, quando PLACAR publicou a reportagem sobre os carros dos jogadores do Corinthians, não havia no Brasil uma máquina de impressão de revistas capaz de rodar todas as páginas coloridas — sem falar no custo das tintas. Na época, sete das fotos saíram em preto e branco. Mas, graças ao Departamento de Documentação da Editora Abril, carinhosamente chamado de Dedoc, as imagens feitas por Lemyr Martins no Parque São Jorge foram cuidadosamente arquivadas numa área climatizada. Assim, os slides originais sobreviveram quase cinquenta anos para que pudessem ser digitalizados e impressos em cores.

Eles são ídolos da torcida corintiana. Eles são escravos de seus carros.
Lindóia, o sabe-tudo
UM CORREDOR
OS DEVAGAR
O BONZÃO

KAIO LAKAIO

As páginas originais, impressas em preto e branco, e os slides recuperados no arquivo

FOTOS LEMYR MARTINS

ALEXANDRE, AERO WYLLIS VERMELHO

O carrão, que era um sonho de consumo, foi lançado no Brasil em 1960 e deixou de ser produzido em 1971, quando a Wyllis Overland já tinha sido comprada pela Ford: um luxo numa época em que os jogadores eram incentivados a investir em imóveis

A reportagem apresentava também uma preocupação com o que aqueles jovens, tratados como inconsequentes, estavam fazendo com o próprio dinheiro. Ela dedica quase uma página a um depoimento assinado por Aymoré Moreira, que tinha sido o técnico da seleção bicampeã do mundo no Chile, em 1962, e era o então treinador do Timão. "O que eu sempre falo para eles é que devem usar o carro como meio de condução, e não como meio de destruição. Sabe como é, às vezes os meninões se entusiasmam, resolvem tirar uma onda de corredor, e isso pode acabar mal", argumentou ele.

"Não é lindo esse Mustang do Rivellino? Até eu, se pudesse, andaria num assim. No ano passado ele trocou de carro quatro vezes, já teve Opala e Galaxie. Sou mesmo a favor de o jogador — que é homem como outro qualquer — ter suas vaidades, seus carros, desde que cumpra suas obrigações", concluiu o "professor".

ALADIM, CORCEL BRANCO

Comprado na época em que o atleta jogava pelo Bangu, o modelo 1970 era seu xodó: "Gosto do meu carro, mas não sou ciumento", afirmava ele na reportagem de PLACAR. "Empresto para os amigos que eu sei que vão tratá-lo bem, com cuidado."

UMA CAMISA QUE BOTAVA BANCA

O BRAGANTINO QUEBROU TODOS OS PADRÕES COM A CAMISA DIFERENTONA DA CAMPANHA DE VICE NO BRASILEIRÃO DE 1991

Apelidada de "carijó" (pela semelhança com a plumagem da ave), o manto "daquele" Bragantino é lembrado até hoje

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Seja pela estética, seja pela história (e às vezes por ambas), nesta seção relembraremos uniformes marcantes

Tem gente que se dói de inveja ao ver o orçamento milionário do repaginado Bragantino, time que retorna neste ano à série A sob a gestão profissionalizada da Red Bull, fabricante austríaca de bebidas energéticas. O *déjà-vu* é inevitável. Em 1991, PLACAR publicou no Guia do Brasileirão: "Todos querem vencer o 'Braga' " — assim dizia o texto de apresentação daquela equipe que fez história. Campeão do Paulista de 1990, o Bragantino chegava ao torneio como candidato ao título. Bateu na trave. O time comandado por Carlos Alberto Parreira foi derrotado na final pelo São Paulo de Telê Santana. Mais marcante que o desempenho em campo foi seu uniforme. De tão diferente, nada ortodoxo, pensava-se que se tratava de uma criação estrangeira. Não. O design geométrico em tons de preto, branco e cinza era de autoria do paulistaníssimo Ricardo Dell'Erba, que ganhara destaque ao fabricar, no fim dos anos 1980, réplicas das camisas dos grandes clubes italianos. "Naquele tempo o conceito de pirataria como o entendemos hoje não existia", conta ele. Para a identidade da camisa do Bragantino, Dell'Erba olhou novamente para a Europa, principalmente para a terceira camisa da seleção escocesa e o uniforme reserva do Ajax. Ao susto estético — o manto foi batizado de "carijó", numa referência à plumagem da ave — somou-se uma surpresa no fim daquela campanha do vice. Para a final do Brasileirão, os dirigentes do time caipira "rasgaram" o contrato com a Coca-Cola para aceitar uma bolada da finada empresa aérea Vasp. "Por dois jogos, recebemos cerca de 150 000 dólares", diz Marquinhos Chedid, então diretor de futebol e hoje presidente do clube.

Alexandre Salvador

A PAZ DE BARBOSA

APENAS A FILHA, TEREZA, E ALGUNS POUCOS CURIOSOS ZELAM PELO JAZIGO DO INJUSTIÇADO GOLEIRO DO MARACANAZO DE 1950

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ACERVO PLACAR

Local: Cemitério Morada da Grande Planície, à beira da Rodovia Rio-Santos, em Praia Grande (SP)
Túmulo: além de duas imagens de santas (Maria Rosa Mística e Nossa Senhora Aparecida), há uma pequena foto ao lado do escudo do Vasco da Gama com uma frase escrita sob medida por Carlos Heitor Cony: "Homem bom que só o povo produz em seus melhores momentos de povo".

Inspirados numa seção da revista espanhola *Panenka*, visitaremos o túmulo de grandes nomes da bola.

Agora, sim, o goleiro Moacyr Barbosa, morto pela segunda vez, descansa em paz numa gaveta de um cemitério vertical em Praia Grande, na Baixada Santista. Ele foi sepultado em 7 de abril de 2000, cinquenta anos depois de sua primeira morte, em 16 de julho de 1950. Tinha 79 anos. Barbosa, goleiro do Vasco, foi quem tomou os dois gols do Uruguai no derradeiro jogo da Copa que o Brasil vencera na véspera e perderia no gramado. O segundo tento da celeste, aquele de Alcides Ghiggia, é que se tornaria indelével. Barbosa achou que Ghiggia cruzaria a bola para a área, como fizera tantas vezes, mas ele bateu direto entre as traves. E Barbosa, aos 29 anos, pagou o preço. Numa entrevista ao documentário *Futebol*, de João Moreira Salles, ele lembrou daquele dia — não o de 1950, mas o de uns vinte anos depois, quando ouviu o comentário de uma mulher que topou com ele em um supermercado do Rio. "Olha aí, filho, esse homem aqui é que fez o Brasil inteiro chorar", disse a senhora ao reconhecê-lo. Em 1993, a convite da BBC, Barbosa foi levado para a concentração da seleção, que se preparava para a partida decisiva contra o Uruguai. Zagallo, supersticioso, sugeriu que ele não encontrasse os jogadores, porque poderia levar "maus fluidos". E então, percebendo-se enterrado vivo, Barbosa, ecoando uma frase dita depois do Maracanazo ("Se houvesse uma cratera, eu gostaria de ter me enfiado ali embaixo"), decidiu ir para longe. Em Praia Grande conheceu Tereza Borba, dona de uma barraca de praia, que o adotou como pai.

"A pena máxima no Brasil é de trinta anos, e eu já paguei cinquenta", afirmou Barbosa pouco tempo antes de morrer de novo, embora muitos acreditassem em sua eternidade. Nelson Rodrigues foi um deles. Em artigo publicado na revista *Manchete Esportiva* em 1959, o dramaturgo escreveu: "Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: esse camarada não morre mais! Não morreu, e, pelo contrário: está cada vez mais vivo". O túmulo de Barbosa é a metáfora de sua trajetória depois daquele chute de Ghiggia. Parece isolado, solitário, como se ninguém quisesse aparecer com destaque ao lado dele. Mas há o zelo da filha, que mandou instalar uma lápide caprichada e nela colou uma foto do goleiro ao lado da cruz de Malta. É visitado por alguns curiosos e jornalistas de fora do Brasil. Tereza sonha construir um memorial em homenagem ao pai, por conhecer sua dimensão. "Ele não caiu de paraquedas na seleção. Não sofria por ter sido vice, dizia ter cumprido sua parte no futebol."

Alexandre Salvador

OS GANDULAS*

Mario Prata

O texto abaixo é um capítulo inédito do livro *A Invenção da Invenção do Futebol*, a ser lançado em 2020, em data em que o autor completa sessenta anos de ficção e realidade

A abolição da escravatura no Reino Unido foi feita em etapas. 1834, 40, 43. Não nos esqueçamos de que a rainha Victoria estava no trono desde 1837. Portanto, teve a sua participação. Talvez, inclusive, ocasionada pela culpa cristã que carregava pela quantidade de navios negreiros que a Inglaterra colocava no Atlântico Norte e Sul.

Portanto, em 1859, dezesseis anos depois da última canetada, mr. e mrs. Ackroyd (ele Roger; ela Rosamund) eram ex-escravos negros e libertos, originários do Senegal. Ambos tinham em torno de 40 anos. Ele carvoeiro, ela doula. Tinham seis filhos.

Foi quando ocorreu mais uma reunião no tapetão da Universidade de Cambridge entre o chanceler (reitor) lorde Laughton, mr. Wake e eu. O assunto: as bolas chutadas para fora de campo (e eram muitas) e o tempo que se levava para as achar no meio do mato ou entre as folhagens do riozinho que passava atrás do gol oeste, o River Cam. Depois de muito debate, lorde Laughton prometeu (mas no orçamento do próximo ano) uma verba para cercar o campo com alambrado com fiadas de arame.

— Mas para este ano...

— O problema, lorde Laughton, se me permite, é o tempo que se perde. O jogo tem exatamente o tempo do recreio, 45 minutos. E se perdem uns dez procurando a bola! — retrucou mr. Wake, que, como professor, técnico e goleiro, era o que mais procurava bolas, enquanto os dez alunos da classe e jogadores ficavam a fazer troça dele.

Dele e de mim.

Foi quando tive uma ideia que marcaria para sempre o esporte bretão, como dizem os comentaristas neste fim do século XIX, quando escrevo estas linhas. Uma grande ideia.

A família Ackroyd...

No dia seguinte eu resolveria o assunto definitivamente, fazendo uma visita ao casal Roger e Rosamund Ackroyd.

A ideia surgiu num bar, onde surgem as melhores delas. Estava eu a conversar com mr. Wake sobre o nome dele, Finnegans.

— Não, definitivamente não gosto de Finnegans. Não sei onde meus pais, James e Joyce, estavam com a cabeça.

— Foi um nome inventado, mr. Wake?

— Nunca me explicaram direito. Eram alcoólatras, tanto papai James como a linda Joyce. Sei que tem alguma coisa a ver com a Finlândia. Finne tem origem finlandesa, como pode observar pelo som — foi quando eu o interrompi abruptamente.

— Olha lá, olha lá!!!

Ele parou de viajar sobre o nome e olhou. O que os dois viram foi o filho mais velho, com uns 14 anos, do casal Ackroyd passar correndo como um tiro, um petardo, segurando 1 litro de leite.

— Sim, é o filho mais velho dos Ackroyd.

— Pois então. Sabe que eles moram perto da universidade, né? Na Mathematic Bridge, aquela pontinha que fica por cima do River Cam.

Cena dos primórdios do futebol na Inglaterra vitoriana, lá pelos idos de 1800 e alguma coisa: muita confusão entre os cartolas no tapetão da Universidade de Cambridge

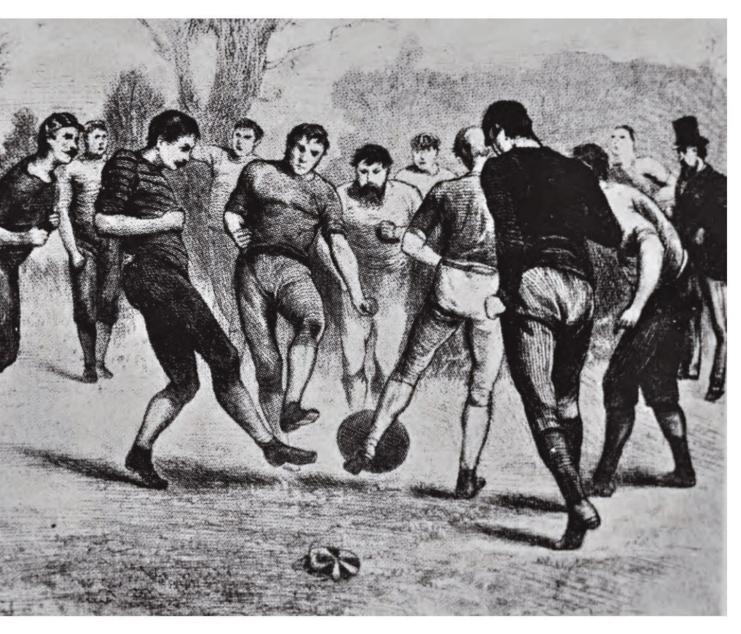
— Já sei o que está pensando, mister Watson!

— Olha a velocidade!

— O leite nem balança...

— Vou fazer uma visita à família amanhã. É a solução para as bolas perdidas, para alívio meu e seu.

O garoto fez a curva no fim do quarteirão, dando até uma derrapada.

— Parece um tiro, uma arma

(*gun,* em inglês, que se pronuncia gam).

Finnegans Wake foi quem deu o nome:

— Gun Doula (pronuncia-se gandula)!!!!!!

— Você adora inventar nomes, Finnegans. Como James e Joyce. Grande nome: gandula!!!

Eram onze os filhos do casal: com 13, 12, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 4 e 3 anos e um com 5 meses. Geoffrey, Lytcham, Tuppence, Nevile, Matthew, Parker, Audrey, Tommy, Stephen, Prudence e Wilfrid.

Explico: dona Rosamund era uma doula, profissão muito em voga em meados do século XIX, uma espécie de preparadora e assistente nos partos. Com o tempo, e tendo seu primeiro filho, Geoffrey, em 11 de fevereiro de 1846**, começou a fornecer o próprio leite às mães que não tinham, não podiam ou não queriam amamentar. A data é um dia histórico para os gandulas e para o Football Association: 11 de fevereiro de 1846, Geoffrey Ackroyd!

Como o leite estava dando mais do que os partos, ela começou a ter filhos todos os anos. Portanto, sempre tinha leite em casa para o fornecimento. Seus filhos passaram a se chamar Os Gandulas, sempre correndo para cima e para baixo.

Naquele distante ano de 1859, muitos bebezinhos ingleses tiveram de chorar 45 minutos para mamar.

---

* Dizem que a expressão gandula viria de um jogador argentino contratado pelo Vasco da Gama, clube do Rio de Janeiro, que, assim que chegou ao Brasil, contundiu-se e ficou fora de campo repondo as bolas. O nome dele era Gandulla. *Fake news!*

** Exatos 100 anos depois, em 11 de fevereiro de 1946, nasceria Mario Prata. Em parto ainda com doula, em Uberaba, Minas Gerais.

PAULO CEZAR CAJU

SETENTA ANOS DE PRAIA

"DAR O MEU MÁXIMO", "LUTAR PELOS TRÊS PONTOS"? NADA DISSO. QUERO FALAR DE FUTEBOL NA LINGUAGEM DO BOLEIRO, SEM O DISCURSO PROFESSORAL CHATO

Minhas estreias sempre foram marcantes. Em todas, aquele friozinho na barriga e o desejo de entrar logo em campo. Em 1967, pelo Botafogo, a primeira vez no Maracanã, marquei os três gols da vitória contra o América, na final da Taça Guanabara. Aquele momento ainda está congelado em minha memória. Cinco anos depois, estreava pelo Flamengo, também no Maraca, no Torneio de Verão, enfrentando o Santos de Pelé e o Benfica de Eusébio. O Fla tinha Renato, Moreira, Chiquinho, meu irmão Fred, Reyes, Rogério, Fio, Caio Cambalhota e Arílson. Fomos campeões! Em 1974, eu me mandei para o Olympique de Marselha e fiz o gol da vitória contra o Strasbourg. Não falava a língua, não conhecia ninguém e fomos vice-campeões. Aí, em 1976, o Horta me trouxe para integrar a Máquina Tricolor. A estreia foi no maior do mundo, contra o poderoso Bayern de Munique, base da seleção alemã, e vencemos por 1 a 0, com show de Cafuringa e Mário Sérgio. Da máquina para o Time do Camburão, no Botafogo, com Rodrigues Neto espanando e os delegados Hélio Vígio e Luís Mariano na comissão técnica. Ficamos 52 jogos invictos. Depois vieram Grêmio, Vasco e, claro, a seleção brasileira. Aos 17 anos, fui convocado por Zagallo para um jogo contra o Chile, em Santiago. Vencemos por 1 a 0, com gol de Roberto Miranda. O curioso é que essa seleção era formada apenas por jogadores do Bangu, campeão de 1966, e do Botafogo, de 1967, e o chefe da delegação foi Castor de Andrade, que reprovou o hotel escolhido pela federação chilena e, com dinheiro do próprio bolso, nos levou para o melhor da região, kkkk!!!

"Chego para zunir os quadros-negros e as pranchetas da sala e falar de futebol-arte, de pelada, de sonhos, de memória, personagens e jogos inesquecíveis"

Fora de campo, trabalhei no *Pasquim*, no *Diário de São Paulo* e, recentemente, no *Globo*. Mas a PLACAR é aquele time em que todos sonham jogar. E eu nem teria motivos para sonhar porque apanhei muito dos cronistas paulistas, kkkk! Minha relação com São Paulo sempre foi de amor e ódio. Era vaiado quando chegava ao Aeroporto de Congonhas e rebatia dizendo que não gostava da cidade, suja e poluída. Fui contratado pelo Corinthians, mas odiei e, apesar de me dar muito bem com Sócrates, não me encaixei na filosofia da Democracia Corinthiana, até porque eu adorava treinar, kkkk! Anos depois, comprei um apartamento no Morumbi, onde morei vinte anos com minha mulher, Ana Reis, e hoje amo a cidade. Apareci em várias capas de PLACAR e em incontáveis reportagens, ganhei quatro Bolas de Prata, mas nunca entendi não ter levado uma de Ouro. Sempre colecionei PLACAR, *El Gráfico, France Football* e *L'Équipe*. Se eu não fosse o Caju, negão marrento, 70 anos de praia, talvez dissesse aos leitores de PLACAR que "vou dar o meu máximo", "seguir as orientações do professor" e "lutar pelos três pontos", mas prefiro dizer que chego para falar de futebol na linguagem do boleiro, sem esse discurso professoral que tomou conta do futebol e o deixa cada vez mais chato. Chego para zunir os quadros-negros e as pranchetas da sala e falar de futebol-arte, de pelada, de sonhos, de memória, personagens e jogos inesquecíveis. E PLACAR está na memória afetiva dos amantes do futebol. Que esse jogo desperte a chama adormecida do torcedor e dure para sempre. Viva PLACAR!

Origem
e destino
no mesmo
lugar
Viagem
E TURISMO
san francisco toronto
Siga e acesse
/viagemeturismo
viagemeturismo.com.br